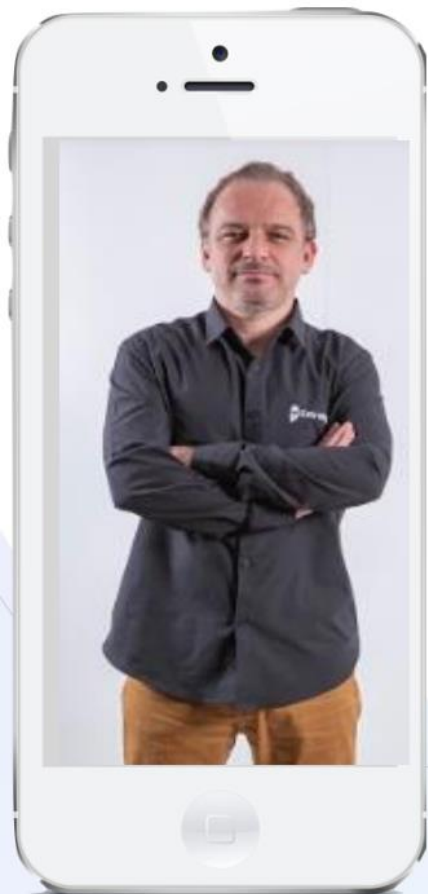




Estratégia
Concursos

Leandro Signori



Telegram

<https://t.me/profleandrosignori>



@profleandrosignori



Leandro Signori



Estratégia
Concursos



RETROSPECTIVA DE ATUALIDADES

ABRIL DE 2023

Prof. Leandro Signori



FATOS INTERNACIONAIS

Prof. Leandro Signori

Biden anuncia que vai concorrer à reeleição



O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, anunciou nesta terça-feira (25) que vai concorrer à reeleição ao cargo em 2024.

Biden, de 80 anos, lançou oficialmente sua campanha para o segundo mandato. Ele concorrerá ao lado da atual vice-presidente, Kamala Harris.

O anúncio oficial - na semana passada Biden já havia dito que deveria se candidatar novamente - foi feito por meio de um vídeo de três minutos divulgado pela Casa Branca nesta manhã.

Nele, Biden pede aos eleitores mais tempo para “terminar o trabalho” que começou e faz uma ofensiva aos republicanos, a quem acusa de "tentar cortar liberdades" como a Previdência Social, o direito ao aborto e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.

O presidente norte-americano não mencionou o fato de ele ser um dos presidentes mais velhos da história do país - uma pesquisa desta semana mostrou que essa é uma das principais preocupações de eleitores com sua candidatura.

Caso reeleito, Biden terá 86 anos ao final do segundo mandato.

No anúncio oficial, o líder dos EUA disse ainda estar travando uma batalha pelo resgate da alma de seu país, um discurso que ele fez na primeira campanha, em 2020.

"Eu disse que estamos em uma batalha pela alma dos Estados Unidos, e ainda estamos nessa luta", disse. "Mas, em todo o país, extremistas do Maga (Make America Great Again, em referência ao slogan lançado por Donald Trump em sua campanha em 2016) estão tentando cortar essas liberdades. Cortando a Previdência Social pela qual você pagou toda a sua vida, enquanto reduzem impostos dos mais ricos; ditando as decisões que as mulheres podem tomar sobre sua própria saúde; proibindo livros e dizendo às pessoas quem elas podem amar".

Democratas divididos

A campanha de Biden à reeleição está dividindo os democratas do país. Cerca de metade deles é contra a reeleição, segundo uma pesquisa Reuters/Ipsos realizada esta semana. Nela, 44% dos entrevistados democratas disseram que Biden não deveria concorrer a um segundo mandato.

Desde que assumiu o cargo em janeiro de 2021, Biden tem sido perseguido por uma inflação alta e baixos índices de aprovação. Apenas 41% dos entrevistados - incluindo 74% dos democratas e 10% dos republicanos - aprovaram seu desempenho como presidente.

Sua campanha de reeleição enfrenta o desafio de despertar entusiasmo entre os democratas para garantir que votem em novembro de 2024.

No entanto, poucas coisas unificaram os eleitores democratas como a perspectiva de Donald Trump voltar ao poder. Biden pode concorrer novamente com o ex-presidente Donald Trump, que já anunciou que vai se candidatar - mas Trump precisa passar pelas primárias do seu partido, o Republicano.

Presidente da Argentina anuncia que não irá concorrer à reeleição



O presidente da Argentina, Alberto Fernández, anunciou nesta sexta-feira (21) **que não irá concorrer à reeleição em outubro deste ano.**

Fernández disse que entregará o cargo em 10 de dezembro, quando termina o atual mandato.

"No dia 10 de dezembro entregarei a faixa presidencial a quem for eleito nas urnas pelo voto popular", disse ele em vídeo postado no Twitter. "Vou trabalhar muito para que o próximo presidente seja um parceiro do nosso setor político", acrescentou.

A decisão fortalece o nome de Cristina Kirchner, atual vice-presidente da Argentina, para disputar o cargo nas eleições de outubro pelo Partido Justicialista, que deve se reunir na tarde desta sexta-feira (21) para discutir o assunto.

O anúncio de Fernández foi feito em meio ao agravamento da crise econômica argentina.

Na véspera (20), o dólar blue – uma das cotações usadas pela população – bateu novo recorde, tendo chegado a 432 pesos. Em março, a inflação atingiu 104% ao ano, o maior patamar em 30 anos.

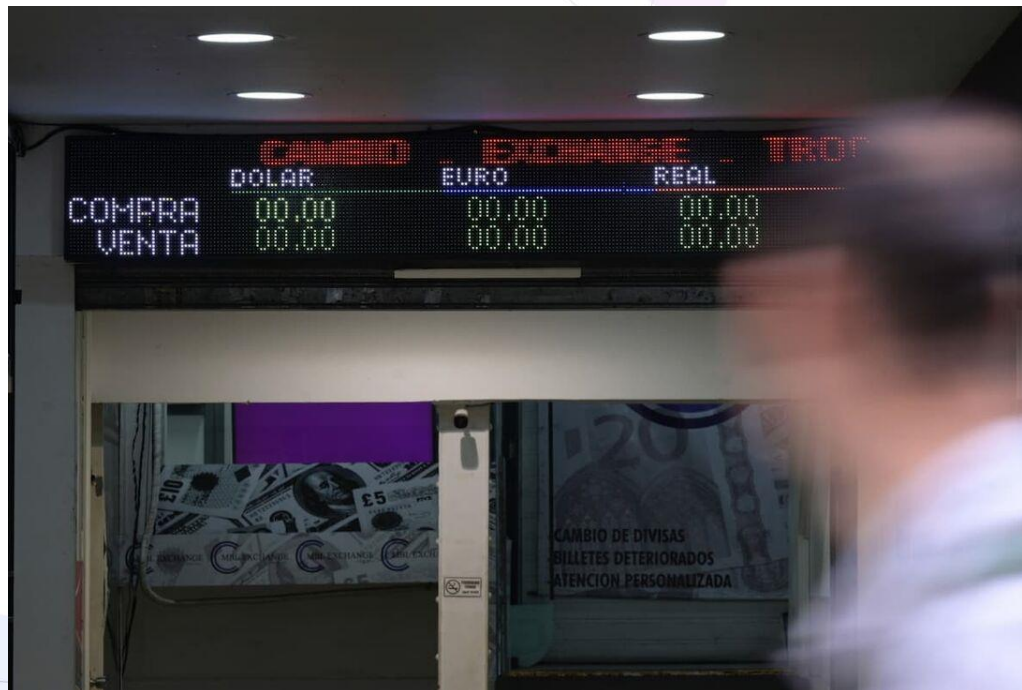
Aliado antigo dos Kirchner

Alberto Fernández chegou ao poder em 2019, quando venceu o então presidente Mauricio Macri. Antes disso, havia sido chefe de gabinete de Néstor Kirchner (2003-2007) e um de seus maiores aliados políticos.

No início dos anos 2000, Fernández foi responsável por apresentar o casal Kirchner, que vinha de uma província pequena, a dirigentes influentes do país.

Foi então que se formou o Grupo Calafate que anos depois levaria Néstor à presidência da Argentina.

Com peso "derretendo" Argentina vira paraíso para turistas, incluindo brasileiros



A forte desvalorização do peso argentino em relação ao dólar - nesta semana, a cotação da divisa americana chegou a quase 500 pesos – **provocou uma verdadeira invasão de turistas brasileiros, uruguaios, paraguaios, chilenos, colombianos, bolivianos e venezuelanos à Argentina.**

Enquanto os turistas estrangeiros fazem a festa em hotéis, restaurantes e comércios de Buenos Aires, os argentinos tentam se desfazer dos pesos o mais rapidamente possível, pelo temor, cada vez mais forte, de uma escalada de preços que possa arrastar o país para uma nova hiperinflação — a última foi em 1989.

O peso barato frente ao real e na comparação com as principais divisas dos países vizinhos tem feito a festa dos turistas em áreas turísticas como Bariloche, El Calafate e Ushuaia. E também em regiões da fronteira, onde brasileiros, uruguaios, paraguaios, chilenos e bolivianos atravessam diariamente para abastecer seus carros e fazer compras.

No Uruguai, informou o jornal El País, são organizadas excursões para compras na Argentina. Na província de Misiones, que faz fronteira com o Brasil e com o Paraguai, representantes da Câmara de Postos de Gasolina estimam que os preços de combustíveis na região estão 40% abaixo dos cobrados no Brasil, e 50% mais baratos do que custa encher um tanque no Paraguai.

A avalanche de carros dos países limítrofes levou os governos regionais a estabelecerem um limite de venda de 20 litros de combustível por pessoa.

Na capital, a presença estrangeira é cada dia mais expressiva. Na famosa rua Florida, os turistas latino-americanos estão por todos os lados, comprando tudo o que encontram a preços mais em conta do que em seus países.

Malas extras para levar vinhos

Para os brasileiros, o produto do momento é, sem dúvida, o vinho. Garrafas de marcas conhecidas no Brasil como Catena Zapata se conseguem em Buenos Aires por menos da metade do preço cobrado em supermercados brasileiros, conta a engenheira química carioca Teresa Borges, recém-chegada da província de Mendoza, onde visitou vinícolas com um grupo de amigos.

Já no primeiro dia na capital argentina, o grupo foi fazer compras no shopping Galerías Pacífico, no centro da cidade, onde conseguiu perfumes a preços muito em conta para um brasileiro.

— Quando o dólar bateu 500 pesos foi uma loucura. Fazíamos as contas e não conseguíamos acreditar. O táxi do aeroporto metropolitano até o hotel custou apenas R\$ 35 — comenta a secretária Cida Amazonas, que, como seus amigos, pretende voltar ao Rio com a mala carregada de garrafas de vinho.

No total, cada turista pode levar 18 garrafas, das quais 12 devem ser despachadas.

— Já compramos malas extras. Trouxemos vinhos de Mendoza e aqui em Buenos Aires vamos comprar mais. Os restaurantes também estão muito baratos, vamos jantar no Don Julio — disse Teresa, ao lado de seu filho, Thiago Borges, que pedia insistentemente para comprar um casaco de couro argentino.

A venezuelana Victoria Rojas, que mora atualmente na Colômbia, veio a Buenos Aires visitar familiares que emigraram para a Argentina e passear.

— Os preços estão realmente muito baixos, sobretudo o transporte e a gastronomia — relatou Victoria, enquanto passeia com seus filhos pelo centro da capital argentina.

No primeiro trimestre de 2023, dados oficiais indicam que 1,9 milhão de turistas estrangeiros entraram ao país, quase o dobro do 1 milhão que visitaram a Argentina no mesmo período de 2022. Entre janeiro e março, os turistas estrangeiros injetaram US\$ 1,5 bilhão na economia argentina.

— Estamos sobrevivendo graças ao turismo — desabafa a vendedora de calçados Julieta Fernández, que trabalha numa loja da rua Florida.

Ela disse atender diariamente muitos turistas latino-americanos, e destaca o elevado nível de consumo das mulheres uruguaias.

— Tivemos uma cliente que comprou seis pares de sapatos, porque disse que os preços eram muito mais baratos do que no Uruguai. Ela trocou US\$ 5 mil quando chegou em Buenos Aires e depois não sabia o que fazer com tanto dinheiro, nem onde guardar tantas notas — comenta Julieta.

Impacto nas eleições

Já em clima de campanha eleitoral, candidatos da oposição que disputarão as presidenciais de outubro deste ano aproveitam o caos para turbinar suas propostas.

Na semana em que o dólar bateu um novo recorde, Javier Milei, líder do partido de extrema direita Avança Liberdade, lançou um livro no qual explica aos argentinos como pretende dolarizar a economia e, assim, conter uma taxa de inflação que já supera 100% ao ano — e pode chegar a 8% apenas em maio. Milei é um dos candidatos que mais cresce nas pesquisas, num país no qual o peso se transformou numa moeda tóxica.

As variações abruptas no mercado cambial estão deixando a economia argentina em estado de semi paralisia, já que o preço da grande maioria dos produtos e bens que circulam no país é determinado em função do dólar.

Alguns fenômenos ocorrem em paralelo. Por um lado, a escassez de divisas está limitando de forma expressiva as importações, o que faz com que comerciantes, diante da incerteza sobre quando poderão repor mercadoria, prefiram estocar produtos, não vender em pesos e acabar ficando no prejuízo.

No mercado imobiliário, corretores estimam que mais de 50% dos aluguéis em Buenos Aires são negociados em dólares, o que deixa os inquilinos argentinos em enorme desvantagem. Conseguir orçamentos para consertos ou produtos que dependem da importação é cada vez mais difícil, porque os fornecedores não sabem como calcular o custo de um serviço em pesos.

A sensação no país, disse Dario Epstein, diretor da empresa de consultoria econômica Research for Trader, é de que “o peso se derrete em nossas mãos”.

— Conto uma situação que vivi recentemente. Meu cachorro ficou doente e quando fui comprar o remédio a veterinária me disse que não tinha como me dizer o preço. Ela me deu o remédio, e me disse que pagasse depois, quando as coisas estivessem mais claras. Como muitos comerciantes, ela não quis aceitar pesos que provavelmente não seriam suficientes para repor aquele medicamento — explica Epstein, que todos os dias é consultado sobre qual será, finalmente, o teto do dólar na Argentina.

— A discussão sobre a dolarização é válida, porque ela daria certeza e estabilidade ao país em matéria de preços. Falar em hiperinflação é alarmista, mas já temos a base para que isso aconteça — frisa o economista.

Metade da mensalidade escolar ‘perdida’

A crise argentina está se tornando vertiginosa. Um exemplo prático: uma família que tenha trocado US\$ 500 segunda-feira passada obteve 30 mil pesos a menos do que quem o fez no dia seguinte. Esse montante equivale a 50% da mensalidade cobrada por algumas escolas particulares de Buenos Aires.

Os argentinos acordam todos os dias sem saber os preços com os quais deverão lidar na economia, em geral. Tudo muda semana a semana, e o governo não oferece respostas contundentes a um drama que afeta, principalmente, as famílias de mais baixa renda.

O ministro da Economia, Sergio Massa, a esta altura praticamente descartado como possível candidato do governo nas eleições, redobrou os controles no mercado de câmbio, ampliou os acordos financeiros do país com a China, passando a pagar importações chinesas em yuan, e está tentando renegociar o entendimento com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Mas nas ruas, os problemas para os argentinos são cada vez piores. A crise econômica cada dia mais profunda da Argentina leva candidatos como Milei a dizerem diariamente que “os argentinos não querem mais o peso”. Economistas como Epstein estimam que novas desvalorizações devem ocorrer nas próximas semanas, apesar dos esforços da Casa Rosada de conter a disparada do dólar e as consequentes corridas à moeda americana, às quais os argentinos estão, há décadas, acostumados.

Santiago Peña, de 44 anos, vence eleições no Paraguai



O economista **Santiago Peña**, de 44 anos, **do Partido Colorado, foi eleito presidente do Paraguai** neste domingo (30). Ele assumirá o cargo no dia 15 de agosto, e o mandato é de cinco anos.

Com 99,89 % das urnas apuradas, o resultado é o seguinte:

- ☐ **Santiago Peña: 42,74 %**
- ☐ **Efraín Alegre: 27,48 %**
- ☐ **Paraguaio Cubas: 22,92 %**

As informações são da Justiça Eleitoral do país.

Esperava-se que a disputa fosse concorrida, pois o candidato da esquerda, Efraín Alegre, havia conseguido formar uma coalizão ampla e aparecia bem nas pesquisas.

O partido de Peña e as eleições

O Partido Colorado domina a política paraguaia desde a década de 1950, mas, recentemente, acreditava-se que a popularidade do partido estaria em baixa por uma economia em desaceleração e acusações de corrupção.

Economia, acusações de corrupção e opiniões dos candidatos sobre Taiwan foram os principais temas de campanha. **O Paraguai é uma das 13 nações que mantêm relações diplomáticas formais com a ilha que a China considera seu território.**

Alegre criticou esses laços dificultaram a venda de soja e carne bovina para a China, um grande comprador global, e disse que a economia agrícola do país não obtém retorno suficiente de Taiwan.

Peña disse que manteria laços com Taiwan.

Nos eventos finais da campanha, Alegre começou a falar mais das acusações de corrupção feitas contra o líder do Partido Colorado, Horacio Cartes, um ex-presidente que foi colocado sob sanções dos EUA em janeiro. Alegre o chamou de "Pablo Escobar do Paraguai", referindo-se ao notório narcotraficante colombiano morto em 1993. Cartes nega as acusações.

Peña reconheceu as divisões partidárias em seu discurso de encerramento da campanha e prometeu ser "um símbolo da unidade partidária".

Presidente Lula parabeniza o presidente eleito

Em sua conta no Twitter, o presidente Lula deu os parabéns ao presidente eleito.

Alberto Fernández, da Argentina, também parabenizou Peña pelo Twitter. Os dois já conversaram pelo telefone depois do resultado da votação.

Quem é o novo presidente do Paraguai

Santiago Peña é um economista com formação nos Estados Unidos e uma passagem pelo Fundo Monetário Internacional.

Ele foi ministro da Fazenda do Paraguai durante o governo de Horácio Cartes (2013 a 2018) e, durante seu tempo no ministério, ele se filiou ao Partido Colorado, o mais tradicional do Paraguai.

Durante a campanha, Peña teve que dar explicações sobre seu antigo chefe.

O atual presidente, Mario Abdo Benítez, também é do Partido Colorado, mas os dois não são aliados próximos.

Peña foi pai adolescente, ele teve um filho aos 17 anos, quando ainda estava na escola.

Depois de voltar do trabalho no FMI, ele inicialmente foi trabalhar em um cargo no Banco Central. Depois, foi para o Ministério da Fazenda e, quando acabou o governo de Cartes, ele foi trabalhar no banco do antigo chefe.

Essa é a segunda vez que ele se candidatou: em 2018, ele perdeu as primárias do Partido Colorado para o atual presidente, Mario Abdo Benítez.

Brasil formaliza retorno à Unasul



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou decreto que oficializa o **retorno do Brasil à União de Nações Sul-Americanas (Unasul)**. O país havia deixado o bloco em 2019, durante a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O Decreto nº 11.475/2023 foi publicado ontem (6) no Diário Oficial da União e promulga o Tratado Constitutivo da Unasul. Ele entra em vigor em 6 de maio de 2023 e, com isso, coloca o país de volta ao **grupo criado durante o segundo governo do presidente Lula, em maio 2008**.

A Unasul foi fundada pelos governos de Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Em 2010, a união chegou a ser composta por todos os 12 países da América do Sul. Desde então, entretanto, algumas nações se retiraram da Unasul, principalmente por divergências políticas.

Assim como o Brasil, a Argentina também anunciou que voltará ao bloco, que atualmente tem como membros Bolívia, Guiana, Suriname e Venezuela, além do Peru, que se encontra suspenso.

O objetivo da Unasul é fomentar a integração entre os países sul-americanos, em um modelo que busca integrar as duas uniões aduaneiras do continente: o Mercosul (integrado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, e associados) e a Comunidade Andina (formada por Bolívia, Colômbia, Equador e Peru). Além da esfera econômica, vai além, para atingir outras áreas de interesse, como social, cultural, científico-tecnológica e política.

“A integração e a união sul-americanas são necessárias para avançar rumo ao desenvolvimento sustentável e o bem-estar de nossos povos, assim como para contribuir para resolver os problemas que ainda afetam a região, como a pobreza, a exclusão e a desigualdade social persistentes”, diz um dos trechos do tratado.

Diplomacia

Desde o início do seu terceiro governo, Lula vem defendendo o aprimoramento das relações entre os países do continente.

Ainda em janeiro, o Brasil também retornou à Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), após três anos de afastamento do mecanismo, e participou da sétima reunião de cúpula do grupo, em Buenos Aires, na Argentina.

A Celac reúne 33 países da região e desde sua criação, em 2010, tem promovido reuniões sobre os diversos temas de interesse das nações latino-americanas e caribenhas, como educação, desenvolvimento social, cultura, transportes, infraestrutura e energia. Além disso, tem se pronunciado em nome de todo o grupo por ocasião de assuntos discutidos globalmente, como o desarmamento nuclear, a mudança do clima e a questão das drogas, entre outros.

Em janeiro de 2020, o governo de Jair Bolsonaro decidiu retirar o Brasil da Celac por divergências políticas e ideológicas com Cuba, Venezuela e Nicarágua. O fim do bloqueio norte-americano a Cuba é uma reivindicação histórica do bloco.

Entenda quais são as 34 acusações recebidas por Donald Trump



O ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump compareceu nesta terça-feira (4) ao Tribunal Criminal de Manhattan para ouvir 34 acusações feitas contra ele, que se declarou inocente.

Do que Trump está sendo acusado?

As 34 acusações são de **falsificar registros comerciais** de acordo com o Artigo 175 da Lei Penal de Nova York.

No estado de Nova York, **a falsificação de registros comerciais é crime quando há a intenção de fraudar e cometer outro crime e de ajudar ou ocultar um crime.**

Desta forma, Trump é acusado de manter manter registros comerciais falsos com a intenção de esconder o pagamento de US\$ 130 mil (R\$660 mil) à atriz de filmes pornô Stormy Daniels para encobrir um suposto caso que ambos tiveram em 2006.

Os pagamentos teriam ocorrido em 2016, pouco antes das eleições em que o ex-presidente norte-americano foi eleito.

Isso significa, portanto, que Trump foi acusado por praticar o mesmo crime 34 vezes.

As 34 acusações são referentes a falsificações de registros comerciais ligados à Trump Organization, feitas entre fevereiro e dezembro de 2017.

De acordo com a acusação, em 2016, no fim da campanha eleitoral daquele ano, Michael Cohen, um advogado ligado ao ex-presidente, fez um acordo com a atriz pornô Stormy Daniels. Pelos termos do negócio, ela recebeu US\$ 130 mil e se comprometeu a não tornar a história dela com Trump pública.

Quando Trump já era presidente, em 2017, ele reembolsou Cohen. Só que **nos registros contábeis das empresas de Trump, os US\$ 130 mil foram classificados como despesas advocatícios.**

No entanto, as despesas nunca existiram. Esse é o crime do qual Trump é acusado. "Trump estava pagando serviços fictícios em 2017 para cobrir crimes reais no ano anterior", segundo o promotor Bragg.

Desta forma, as 34 acusações foram divididas em três instâncias:

- ☐ 11 acusações relacionadas a faturas falsas para honorários advocatícios de Cohen.
- ☐ 11 acusações relacionadas aos cheques que foram emitidos por Trump ou usando seus fundos para reembolsar o Cohen.
- ☐ 12 acusações relacionadas aos registros contábeis feitos para os reembolsos nos livros de Trump.

Quando Trump será julgado?

Segundo o jornal "Washington Post", Trump deve comparecer ao tribunal novamente em 4 de dezembro. A defesa, no entanto, deve pedir para que o ex-presidente seja liberado. O jornal diz que as partes estão negociando uma data para o julgamento: a acusação pede para que o início seja em janeiro de 2024, e os advogados que representam Trump preferem que ocorra em um ano, durante a primavera de 2024 no Hemisfério Norte.

Finlândia realiza primeiro exercício militar com a Otan



A Finlândia anunciou nesta quinta-feira (13) que realizou o primeiro exercício militar, desde a sua adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), com a participação de dois navios portugueses e alemães atracados simbolicamente no porto de Helsinque.

As fragatas – NRP Bartolomeu Dias e Mecklenburg-Vorpommern – vão fazer escala na capital finlandesa até domingo, informou a marinha do país nórdico em comunicado, acrescentando que as duas embarcações estarão fechadas ao público.

Antes de chegarem a Helsinque, os navios da Otan participaram ontem (12) de um exercício organizado pela frota costeira finlandesa, perto da Rússia, juntamente com três navios do país nórdico.

"O Passex [exercício de passagem] desenvolveu a interoperabilidade entre os navios participantes na produção de quadros de situação e navegação], informou a Marinha do país em declaração.

"Esta é a primeira vez que a Finlândia e a Frota Costeira realizam um exercício e uma visita desde que a Finlândia aderiu à Otan", acrescentou o comunicado.

A Marinha da Finlândia informou ainda que os navios de guerra Purunpaae, Raahe 71 e Porvoo também participaram dos exercícios.

Adesão à Otan

O país nórdico, que faz fronteira com a Rússia, aderiu oficialmente à aliança militar no último dia 4, tornando-se o 31º membro da organização, colocando um ponto final em décadas de neutralidade e de não alinhamento.

No início da candidatura, em abril de 2022, o país teve apoio de 28 dos 30 Estados-membros, uma vez que **a Hungria e a Turquia não ratificaram a candidatura imediatamente**. Só na primavera de 2023 é que Ancara e Budapeste deram luz verde à adesão da Finlândia à Otan.

Finlândia e Suécia anunciaram o pedido de adesão à aliança militar em maio passado, depois da invasão russa à Ucrânia e da exigência de Moscou de que Otan não se expandisse para Leste.

A Suécia ainda não obteve luz verde da Turquia e Hungria e permanece, por enquanto, fora da Otan.

A entrada da Finlândia acrescenta 1.340 quilômetros (Km) de fronteira entre a aliança e a Rússia.

O país nórdico, que tem mantido enormes reservas militares de várias centenas de milhares de cidadãos mobilizáveis mesmo após o fim da Guerra Fria, trouxe à Otan meios militares significativos.

O treino com as tropas da aliança militar teve lugar regularmente nos últimos anos, uma vez que a Finlândia é membro da Parceria para a Paz da Otan.

Sobe para 110 número de mortos devido a jejum promovido por seita no Quênia



O balanço do dia 28 de abril informa que **subiu para 110 o número de mortos devido ao jejum promovido por uma seita cristã no país. A Sociedade da Cruz Vermelha do Quênia já começou a trabalhar para tentar localizar cerca de 210 pessoas, incluindo 110 crianças, que foram dadas como desaparecidas no âmbito das investigações sobre a seita.**


Os principais líderes da seita exortam os seus seguidores a jejuarem até à morte, com a promessa de que se encontrarão com Jesus numa nova vida. O Presidente do Quênia, William Ruto, chegou mesmo a acusar o líder da seita de ser um “terrível criminoso”.

A seita, denominada Igreja Internacional da Boa Nova, difunde a ideia de que o jejum extremo é a via para encontrar Jesus Cristo. De acordo com a imprensa local, o líder da seita, Paul Makenzie Nthenge, foi preso e acusado a 14 de abril, depois de duas crianças terem morrido à fome quando se encontravam ao cuidado dos pais.


Temperatura média global em 2022 ficou 1,15°C acima da era pré-industrial



Em um relatório divulgado nesta sexta-feira (21), a **Organização Meteorológica Mundial (OMM)** alertou que a temperatura média global em 2022 ficou 1,15°C acima da era pré-industrial.

 **Contexto:** O índice é preocupante porque é muito próximo de 1,5°C, a meta para 2030 com a qual o Brasil e outros cerca de cem países se comprometeram para barrar o aquecimento global.

No final do ano passado, a agência da ONU já havia advertido que não estamos nem perto do nível e do ritmo das reduções de emissões de metano necessárias para conseguir limitar a elevação das temperaturas na Terra.

 **Consequências:** Cientistas têm apontado que o aquecimento global trará graves consequências ao planeta, com impactos ambientais e sociais, como o aumento dos níveis do mar, ondas de calor e desertificação.

Recorde de calor

A OMM também confirmou que os últimos oito anos foram os oito anos mais quentes já registrados e que o ano passado foi o "5º ou 6º ano mais quente" desde então.

E tudo isso tem uma explicação clara: o aumento contínuo das concentrações de gases de efeito estufa e o acúmulo constante de calor.

Como resultado disso, vimos ao longo de 2022 ondas de calor extremas, secas e inundações devastadoras, ressaltou a agência.

Em 2022, a seca contínua na África Oriental, as chuvas recordes no Paquistão e as ondas de calor recordes na China e na Europa afetaram dezenas de milhões, causaram insegurança alimentar, impulsionaram a migração em massa e custaram bilhões de dólares em perdas e danos.

❄ **Gelo marinho:** O relatório anual, divulgado um dia antes do Dia da Terra, mostrou ainda que **o gelo marinho na Antártica recuou para uma taxa mínima recorde em junho e julho.**

🌊 **Oceanos:** Já os oceanos tiveram as temperaturas mais quentes já registradas, com cerca de 58% de suas superfícies experimentando uma onda de calor, afirmou a organização.

Mas por que a taxa de 1,15°C preocupa?

A OMM chamou atenção que essa taxa foi registrada mesmo com a influência do La Niña, um evento climático natural que manteve as temperaturas globais relativamente “baixas” nos últimos dois anos.

Além disso, **o índice é muito próximo de 1,5°C, o chamado “limite seguro” das mudanças climáticas.**

Esse é o aumento máximo da taxa média de temperatura global definido para este século a fim de evitar as consequências da crise climática provocada pelo homem por causa da crescente emissão de gases na atmosfera.

🔥 Como se chegou nesse 1,5°C?

Essa taxa é medida em referência aos níveis pré-industriais, a partir de quando as emissões de poluentes passaram a afetar significativamente o clima global.

Apesar disso, especialistas vêm alertando ao longo dos últimos anos que **as demandas vistas como fundamentais para que o aquecimento do planeta não ultrapasse essa taxa vêm sendo implementadas num ritmo considerado “insuficiente”**.

Esse inclusive foi o teor do mais recente relatório do IPCC, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU.

"Temos as ferramentas, o conhecimento e as soluções. Mas temos de acelerar o ritmo. Precisamos de uma ação climática acelerada com cortes de emissões mais profundos e rápidos para limitar o aumento da temperatura global a 1,5 grau Celsius", disse o secretário-geral da ONU, António Guterres na ocasião.

Ele também ressaltou a necessidade de ampliação dos investimentos em medidas para mitigar essa situação, principalmente para os países e comunidades mais vulneráveis que menos fizeram para causar a crise.

Derretimento de geleiras bate recorde

Ainda de acordo com o relatório, as geleiras do mundo derreteram a uma velocidade vertiginosa no ano passado, um fenômeno que parece impossível de ser impedido.

"O gelo marinho da Antártica atingiu seu nível mais baixo e o derretimento de algumas geleiras europeias literalmente quebrou recordes", alertou a Organização Meteorológica Mundial (OMM), agência especializada das Nações Unidas, em seu relatório anual sobre o estado do clima mundial.

O nível do mar também atingiu recordes, com uma elevação média de 4,62 milímetros por ano entre 2013 e 2022, o dobro de entre 1993 e 2002.

Temperaturas recordes também foram registradas nos oceanos, onde termina cerca de 90% do calor retido na Terra pelos gases do efeito estufa.

As geleiras que os pesquisadores usam como referência perderam em média mais de 1,3 metro de espessura entre outubro de 2021 e outubro de 2022, uma perda muito maior do que a média dos últimos dez anos.

Desde 1970 as geleiras perderam cerca de 30 metros de espessura.

Na Europa, os Alpes quebraram recordes de derretimento de geleiras devido a uma combinação de baixa neve no inverno, uma intrusão de poeira do Saara em março de 2022 e ondas de calor entre maio e início de setembro.

"Para as geleiras, o jogo já está perdido", disse à AFP Petteri Taalas, secretário-geral da OMM.

"A concentração de CO₂ já é muito alta e a elevação do nível do mar provavelmente continuará por milhares de anos", explicou.

Nos Alpes suíços, "no verão passado perdemos 6,2% da massa glacial, a maior quantidade já registrada".

"Isso é sério", alertou, explicando que o desaparecimento das geleiras limitaria o fornecimento de água potável para humanos e para a agricultura, além de prejudicar as conexões de transporte se os rios se tornassem menos navegáveis.

Isso representará "um grande risco para o futuro", disse Taalas. Não é possível parar o degelo "a menos que criemos uma forma de eliminar o CO₂ da atmosfera", acrescenta.

Na segunda tentativa, Starship é lançado, mas foguete explode no céu



O foguete mais poderoso já construído, projetado para pousar com astronautas na Lua, foi lançado pela primeira vez nesta quinta-feira (20). Porém, o voo, que não tinha tripulantes a bordo, durou poucos minutos. A separação dos dois módulos do equipamento, necessária para a continuidade do teste, não ocorreu. Assim, o Starship ficou fora de controle e explodiu após quase quatro minutos no céu.

Esta foi a segunda tentativa para o lançamento — a primeira, na segunda-feira (17), foi adiada após problemas em de pressurização no estágio de propulsão.

Quando a contagem regressiva marcava 30 segundos para a decolagem, os engenheiros responsáveis pararam o relógio para avaliar dados. Foram alguns minutos de apreensão até a decisão final: liberação e lançamento.

Com cerca de dois minutos de voo, a base conseguiu comunicação com o foguete pela primeira vez, com imagens. Porém, pouco tempo depois, quando a separação entre os dois módulos era esperada, o teste acabou com a explosão dos equipamentos no céu.

Mesmo com o problema, o teste foi considerado um sucesso pela SpaceX, que construiu o Starship. "Com um teste como este, o sucesso vem do que aprendemos, e o teste de hoje nos ajudará a melhorar a confiabilidade da Starship", escreveu a empresa, no Twitter.

O que é Starship?

A Starship, construída pela empresa privada SpaceX, consiste em uma cápsula reutilizável de cerca de 50 metros de altura que transporta equipamentos e carga (segundo estágio), e o propulsor de foguete Super Heavy de primeiro estágio, com cerca de 70 metros. O foguete nunca havia voado em sua configuração completa, alimentado pelo primeiro estágio.

Todo o equipamento é projetado para lançamento e aterrissagem na vertical, diferentemente de um avião, por exemplo. No teste desta quinta, a Starship não tem seus "pés" de aterrissagem, pois a manobra não inclui a aterrissagem na Terra.

O objetivo do voo desta segunda-feira é coletar o máximo possível de informação acerca dos dois equipamentos funcionando juntos.

Em fevereiro, SpaceX concluiu um teste de lançamento bem-sucedido de todos os 33 motores no primeiro estágio da Starship. O propulsor Super Heavy foi amarrado ao solo durante o lançamento teste, também conhecido como lançamento estático, para evitar que decolasse.

A Nasa levará astronautas à órbita lunar em novembro de 2024 usando seu próprio foguete espacial, o Space Launch System (SLS), que está em desenvolvimento há mais de uma década. O Starship é maior e mais poderoso que o SLS, gera 17 milhões de libras de empuxo, mais do que o dobro dos foguetes Saturn V, usados para enviar os astronautas das missões Apollo à Lua.

SpaceX lança maior satélite de internet do mundo



A SpaceX lançou com sucesso hoje (30 de abril), às 21h26, **o satélite ViaSat-3 Americas, o maior e mais moderno satélite de internet banda larga do mundo.**

O lançamento acontece após tentativas que foram adiadas em razão de condições climáticas e para "revisão de dados".

O que se sabe

Lançado pelo foguete Falcon Heavy, da SpaceX, o Viasat-3 Américas pesa cerca de 6 toneladas, com 45 m de envergadura. Ele orbitará a Terra diretamente acima do Equador, a 35.700 km de altitude.

O aparelho conta com 16 painéis solares e é o **satélite de telecomunicações mais poderoso a ser lançado no espaço.** Essas células solares são semelhantes às usadas nas missões lunares Apollo e alimentaram mais de mil satélites em todo o mundo.

Com um custo estimado de US\$ 97 milhões, **o satélite foi lançado dobrado, assim como ocorreu com o telescópio James Webb. Ele só abre em órbita após se soltar do foguete.**

O Viasat-3 Américas será o primeiro satélite próprio da empresa e de alta velocidade a operar no Brasil.

Ainda não se sabe quanto da capacidade total será destinada ao país, mas a ViaSat Brasil informou que cerca de 80% da cota nacional será focada no em zonas rurais do Norte e Centro-Oeste, com menor penetração de banda larga.

O plano mais em conta da ViaSat, voltado a clientes residenciais, custa R\$ 179 ao mês, com velocidade de download de 10 Mbps e franquia de dados de 25 GB. Com a nova frota, espera-se que a velocidade por usuário ultrapasse 100 Mbps.

Por que o ViaSat-3 é tão potente?

O novo satélite possui um refletor feito de polímeros reforçados, com grafite e fibra de carbono, e preso a um longo braço.

Sua antena vai direcionar os sinais do satélite para a Terra e vice-e-versa, possibilitando a conexão de internet entre as estações no solo e os usuários.

Esse será o primeiro de três satélites geoestacionários de banda Ka de ultra-alta capacidade a serem lançados no espaço, segundo a ViaSat Brasil.

O satélite lançado hoje cobrirá as Américas. O segundo está definido para cobrir a Europa, Oriente Médio e África. O terceiro está planejado para cobrir a área Ásia-Pacífico.

Eles oferecerão uma velocidade de 1 Tbps (terabit por segundo) cada, cobrindo todos os continentes e as principais rotas aéreas e marítimas do globo.

Explosão após decolagem

O lançamento de hoje acontece dez dias após a explosão da nave Starship, também desenvolvida pela SpaceX. Ela estava a caminho da órbita da Terra, impulsionada pelo Super Heavy, o maior e mais poderoso foguete já construído.

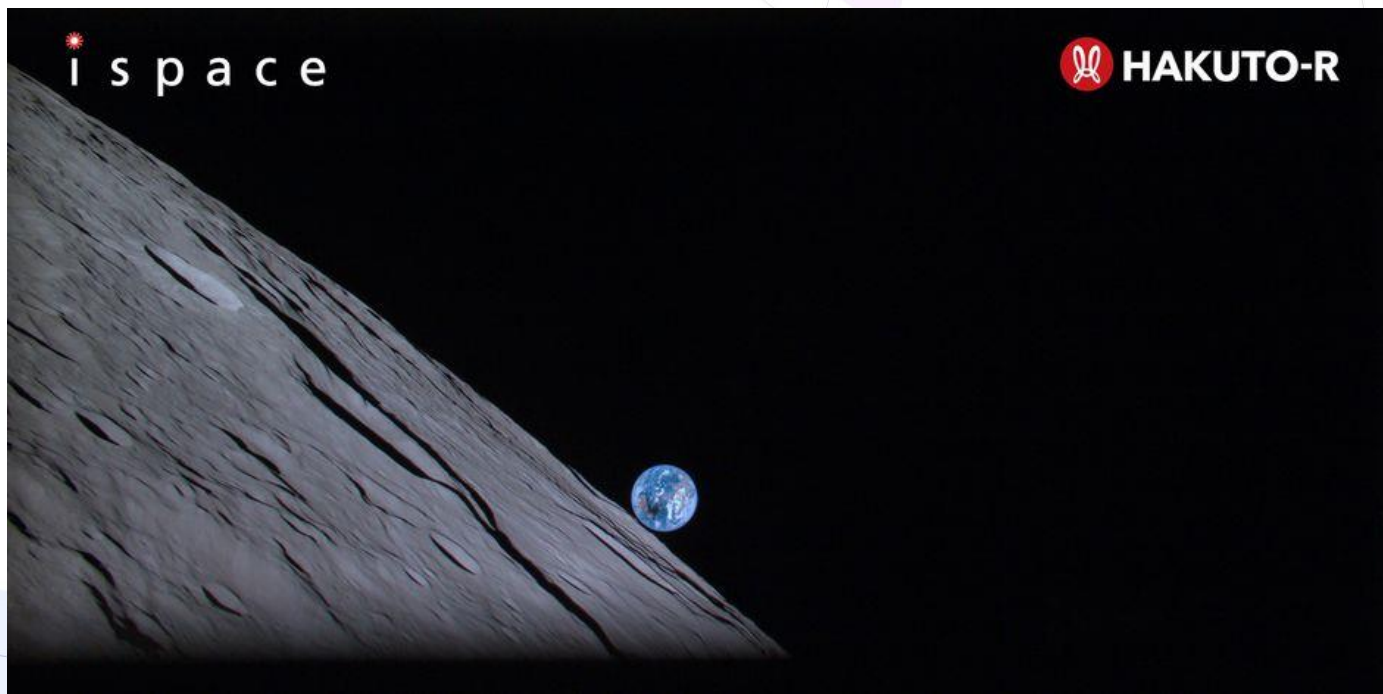
A missão mal-sucedida não tinha relação com o satélite lançado hoje. Segundo a empresa de Elon Musk, era para ser um teste de voo orbital, fundamental para os planos futuros da empresa. O megafoguete foi projetado para missões tripuladas para a Lua e possivelmente Marte.

A nave Starship, que fazia parte do segundo andar do foguete, deveria ter se soltado do lançador três minutos após a decolagem. Porém, ela apresentou falhas em seu motor no voo de teste, perdeu altitude e começou a despencar, virando uma bola de fogo sobre o Golfo do México.

Cerca de quatro minutos após o lançamento, aos 40 km de altitude, o foguete Super Heavy explodiu no ar, junto com a Starship.

Segundo a Space X, houve uma falha no mecanismo de separação do segundo estágio que a fez ficar presa. Além disso, alguns dos 33 motores do foguete não funcionaram na decolagem.

Sonda espacial japonesa captura imagens da superfície da Lua



A sonda espacial Hakuto, da empresa japonesa ispace, capturou imagens próximas da superfície da Lua antes de fracassar em sua missão de tentar pousar no satélite natural nesta terça-feira, 25. **O pouso seria o primeiro realizado por uma empresa privada na Lua**, mas os controladores de voo perderam a comunicação com o equipamento pouco antes da aterrissagem.

Algumas horas depois da perda da comunicação, representantes da empresa fizeram um balanço sobre a missão em uma live no YouTube e mostraram um vídeo capturado pelo equipamento. Algumas fotos feitas ao longo da viagem também já haviam sido divulgadas.

Entenda a missão

A sonda Hakuto, algo como “coelho branco” em japonês, foi lançada ao espaço pela ispace em dezembro de 2022 e tinha sua aterrissagem na Lua agendada para esta terça-feira, 25. Ela tinha como alvo a cratera Atlas na seção nordeste, com mais de 87 quilômetros de diâmetro e pouco mais de 2 quilômetros de profundidade.

O equipamento foi construído com 2,3 metros e carregava um mini rover (veículo de exploração espacial) lunar dos Emirados Árabes Unidos e um robô de brinquedo do Japão projetado para rolar na poeira lunar. Também havia itens de clientes particulares a bordo.

A comunicação com a Terra foi perdida quando o módulo de pouso desceu os últimos 33 pés (cerca de 10 metros), viajando a cerca de 25 km/h. **Se tivesse sido bem-sucedida, a ispace teria sido a primeira empresa privada a realizar um pouso lunar.**

Até o momento, apenas três governos conseguiram aterrisar na Lua com sucesso: Rússia, Estados Unidos e China. Uma organização sem fins lucrativos israelense tentou pousar na Lua em 2019, mas sua espaçonave foi destruída no impacto.

Picasso: meio século sem o artista genial, revolucionário e engajado



Pablo Ruiz Picasso nasceu em 25 de outubro de 1881, em Málaga, na Andaluzia, no sul da Espanha, junto ao Mediterrâneo. O pai, que era professor de pintura, estimulou o menino Pablo desde pequeno. O jovem Picasso frequentou escolas e artistas em Barcelona e Madri, com muitas experimentações e ambições.

Em 1909, seu quadro “Os Últimos Momentos” é escolhido para representar a Espanha na Exposição Mundial em Paris. Aos 19 anos, a capital francesa é o sonho do jovem pintor. Ele se instala no mítico bairro de Montmartre, efervescente refúgio de artistas e boêmios.

O trabalho de Picasso é dividido por períodos. Como o azul, de 1901 a 1904, quando, impactado pelo suicídio de um amigo, Carlos Casagemas, ele mergulha em temas sombrios, retratando pessoas miseráveis, com rostos marcados pela fome e sofrimento.

Paralelamente, Picasso expandia suas conexões ao conhecer escritores, poetas, intelectuais, colecionadores, galeristas, mecenas e artistas de todos os espectros.

Ele avançou para o período rosa, se inspirou na arte africana, trabalhou nos balés russos de Diaghilev e se apaixonou pela bailarina Olga Khokhlova, com quem se casa em 1918.

Em 1907 ele finaliza “As Senhoritas de Avignon”, que vai dar um ponta pé importante para o **Cubismo**. Com Georges Braque, ele iniciou o **movimento cuja ideia era a decomposição de imagens em facetas múltiplas, geométricas, bidimensionais**. Toda uma geração de artistas bebeu nessa fonte, como Juan Gris, Francis Picabia e Brancusi.

Em 1925, uma nova mudança de curso e Picasso navega pelo surrealismo, com criaturas disformes, convulsivas, histéricas. O surrealista Salvador Dali, também espanhol, conta, em uma entrevista de 1955, que mandou um postal para o artista, dizendo:

“Meu caro Pablo, eu te agradeço porque me dou conta que você assassinou não somente a pintura acadêmica, que está morta e sepultada, como também assassinou toda a pintura moderna. Agora poderemos rever os grandes clássicos, como Rafael e Velasques. Se Picasso não existisse, a pintura moderna iria durar ainda uns 200 anos.”

Arte como arma de resistência

Picasso usava sua arte como instrumento de engajamento. O bombardeamento de uma cidade, em 1937, durante a Guerra Civil espanhola, levou o artista a criar uma de suas obras mais marcantes: “Guernica”. O mural simboliza o horror da guerra e o sofrimento da população. No mesmo ano, Picasso pede a naturalização francesa, que lhe é recusada. O artista continuou a viver na França, mas como diria em entrevista de 1955, “era um acaso, sem nenhuma razão especial”.

Picasso passou a Segunda Grande Guerra em Paris, durante a ocupação nazista. Os serviços de segurança o ficharam como “anarquista”.

Em 1949, Picasso pinta “Pomba da Paz”, que se torna um forte símbolo antibélico internacional. Além da pintura, Picasso também fez esculturas, cerâmicas e gravuras. Os detratores de Picasso apontam justamente que a produção do artista era excessiva.

Ele também traduzia em suas obras sua paixão pelas touradas e mulheres. Sua vida amorosa foi intensa e turbulenta. Ao mesmo tempo, era considerado misógino.

Picasso casou-se duas vezes, teve quatro filhos e inúmeras amantes. Uma de suas amantes-musas, a fotógrafa francesa Dora Maar, fala sobre a realidade em Picasso, em entrevista de 1955:

“Picasso é obcecado, sempre foi, pela realidade”, disse a fotógrafa francesa, em 1955. “Através do Cubismo ele buscou todas as facetas de um objeto. Por exemplo, ele quis retratar as quatro dimensões de uma xícara de café. Mas não o instante presente, o sonho, um local, as nuvens ou a emoção. Ele busca a realidade verdadeiramente concreta de um objeto. Isso gera deformações extraordinárias.”

Picasso morreu em 8 de abril de 1973, de uma crise cardíaca, no sul da França, deixando um fabuloso legado artístico e um lastro de tragédias familiares e brigas pela herança do artista, que não deixou testamento.

Em 2015, o quadro “Mulheres de Argel” (1955) quebrou um recorde ao ser vendido por quase US\$ 180 milhões. Durante algum tempo foi a obra mais cara do mundo, até ser desbancada por “Salvatore Mundi”, de Leonardo da Vinci, vendida por US\$ 450 milhões a um príncipe saudita.

No dia 20 de dezembro de 2007, dois quadros foram roubados do Masp (Museu de Arte de São Paulo) durante a madrugada, em apenas três minutos, de acordo com os registros de segurança. Um era “O Lavrador de Café”, de Cândido Portinari, e “Retrato de Suzanne Bloch”, de Picasso. As obras foram encontradas pouco mais de duas semanas depois, em Ferraz de Vasconcelos, subúrbio de São Paulo.

Ministra da França sai na capa da revista 'Playboy' e é criticada por colegas de governo



A ministra de Economia Social da França, Marlene Schiappa, de 40 anos, estrelou a capa da edição de abril da versão francesa da "Playboy". A aparição rendeu críticas de colegas de governo.

A ministra afirmou a um canal de TV local que os corpos de mulheres deveriam ser expostos em qualquer local.

Ela disse que, embora não tenha problemas com isso, há um contexto para a foto: uma entrevista à publicação na qual falou sobre aborto e direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIA+.

Em uma rede social, Schiappa disse que defende o direito da mulher de fazer o que quiser com o corpo em qualquer lugar e a qualquer momento: "Na França, as mulheres são livres, não importa se isso incomoda os retrógrados e os hipócritas".

A ministra aparece com frequência como convidada em programas de entrevista da TV francesa. Antes de ser política, ela era escritora e publicou livros sobre os desafios da maternidade, saúde da mulher e gravidez.

Em 2018, quando era ministra dos Direitos Iguais, Schiappa conseguiu aprovar leis para tornar ilegal o assédio na rua.

Críticas de colegas do governo

Outros membros do governo francês criticaram a decisão de Schiappa de aparecer na capa da "Playboy". A primeira-ministra Elisabeth Borne disse a Schiappa que a decisão "não foi apropriada, especialmente no período atual".

Sandrine Rousseau, parlamentar do Partido Verde, também questionou a ministra.

Em 2010, Schiappa escreveu um livro com dicas de sexo para pessoas com sobrepeso. Houve críticos que entenderam que o texto dela reforçava clichês ligados a pessoas obesas.

Após selfies ofensivas, Auschwitz pede respeito à memória do Holocausto



O Memorial de Auschwitz pediu, nesta terça-feira, 18, que os visitantes mostrem respeito para com as mais de 1,1 milhão de vítimas do regime nazista durante o Holocausto. O pronunciamento aconteceu depois que uma fotografia no formato selfie, tirada no local, viralizou nas redes por ser considerada ofensiva.

Na imagem, uma mulher com óculos escuros está sentada nos trilhos que levam à entrada do antigo campo de concentração na Polônia. Ela sorri e faz uma pose descontraída enquanto um homem tira sua foto. O momento foi registrado por uma jornalista britânica e provocou indignação no Twitter.

“Hoje tive uma das experiências mais angustiantes da minha vida. Lamentavelmente, parece que nem todo mundo a achou tão comovente”, escreveu Maria Murphy, produtora da GB News do Reino Unido, em suas redes sociais.

Em um comentário separado, Murphy também revelou que a visita em Auschwitz dura de uma a duas horas, então não havia “maneira possível de alegar ignorância”. Os turistas fotografados não foram identificados.

Visto quase 30 mil vezes, o tuíte viralizou na rede social. Centenas de usuários também interagiram com a postagem reafirmando o comportamento rude dos turistas.

“Qualquer pessoa que tirar uma fotografia alegre em Auschwitz deveria ser obrigada a assistir aos testemunhos gravados dos sobreviventes do Holocausto, sentar-se com seus filhos e netos enquanto folheamos as fotos de nossos familiares assassinados”, escreveu uma usuária da rede.

A repercussão da foto foi tão grande que até a conta oficial do Memorial de Auschwitz respondeu ao tuíte de Murphy e lembrou os visitantes para não tirarem esse tipo de foto.

“As fotos podem ter um imenso valor emocional e documental para os visitantes. As imagens nos ajudam a lembrar. Ao chegar ao Memorial de Auschwitz, os visitantes devem ter em mente que eles entram no local autêntico do antigo campo onde mais de 1 milhão de pessoas foram assassinadas. Respeite a memória deles”, escreveu a instituição.

Esse tipo de comportamento faz parte do que é conhecido como dark tourism, ou “turismo sombrio”, fenômeno em que multidões são atraídas para lugares onde ocorreram grandes tragédias ou mortes. Em um mundo cada vez mais baseado na “cultura de selfies”, o desrespeito também acaba sendo veiculado nas redes sociais.

No Memorial de Auschwitz, esta não foi a primeira vez que esse tipo de atitude chama a atenção da direção do local, que pediu aos turistas que não posassem para fotos insensíveis nos trilhos do trem. Em 2019, o museu lembrou aos visitantes que há “lugares melhores para aprender a andar sobre uma trave de equilíbrio do que o local que simboliza a deportação de centenas de milhares para a morte”.

PIB da China cresce acima do esperado após fim das restrições por Covid-19



A recuperação econômica da China acelerou no primeiro trimestre, já que o fim das rígidas restrições da Covid-19 tirou a segunda maior economia do mundo de uma crise pandêmica paralisante, embora alguns ventos contrários persistam.

O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 4,5% na comparação anual, nos primeiros três meses do ano, mostraram dados do Departamento Nacional de Estatísticas nesta terça-feira (17).

O crescimento é maior que os 2,9% do trimestre anterior e supera as previsões dos analistas de uma expansão de 4,0%.

Os investidores têm observado atentamente os dados do primeiro trimestre em busca de pistas sobre a força da recuperação chinesa depois que Pequim suspendeu as restrições da Covid-19.

A recuperação da China até agora permaneceu desigual, com consumo, serviços e gastos com infraestrutura se recuperando, enquanto há desaceleração nos preços e aumento nas poupanças bancárias, levantando dúvidas sobre a demanda.

Na comparação trimestral, o PIB cresceu 2,2% de janeiro a março, em linha com as expectativas dos analistas e acima da alta revisada de 0,6% no trimestre anterior.

Pequim prometeu intensificar o apoio à economia à medida que emerge de um de seus piores desempenhos em quase meio século, no ano passado, devido às restrições da pandemia.

O Banco Central da China disse na semana passada que manterá ampla liquidez, estabilizará o crescimento e os empregos e se concentrará na expansão da demanda.

Na segunda-feira, o Banco Central estendeu o suporte de liquidez aos bancos por meio de sua linha de crédito de médio prazo, mas manteve a taxa desses empréstimos inalterada, uma indicação de que as autoridades não estão muito preocupadas com as perspectivas de crescimento imediato.

Recuperação desigual

Analistas consultados pela Reuters esperam que o crescimento da China em 2023 acelere para 5,4%, ante 3,0% no ano passado.

O governo estabeleceu uma meta modesta de crescimento econômico de cerca de 5% para este ano, depois de não cumprir a meta de 2022.

O Banco Central cortou os requisitos de reserva dos credores pela primeira vez este ano, em março, e o governo deu mais estímulos fiscais.

Dados separados sobre a atividade de março, também divulgados na terça-feira, mostraram que o crescimento das vendas no varejo acelerou para 10,6%, superando as expectativas e atingindo uma alta de quase dois anos, enquanto o crescimento da produção industrial também acelerou, mas ficou um pouco abaixo das expectativas.

"As atuais preocupações do mercado com a deflação refletem amplamente as preocupações sobre a força e a sustentabilidade da recuperação econômica", disse Wen Bin, economista-chefe do China Minsheng Bank, em uma nota.

“Após a otimização da prevenção e controle da epidemia, o lado da produção basicamente voltou ao nível pré-epidêmico, mas o momento do lado da demanda ainda é fraco”.

Rússia diz que ganhou mais território em batalha por Bakhmut



O Ministério da Defesa da Rússia disse neste domingo que suas forças capturaram mais território em Bakhmut enquanto buscam tomar o controle total da cidade.

A batalha por Bakhmut se tornou uma das mais sangrentas da guerra de 14 meses, com a cidade do leste ucraniano quase completamente destruída por bombardeios de artilharia e combates urbanos.

A Rússia diz que a captura de Bakhmut permitirá que ela monte novas ofensivas no leste da Ucrânia. Se tiverem sucesso, as forças de Moscou provavelmente enfrentarão batalhas urbanas ainda maiores pelas cidades vizinhas de Kramatorsk e Sloviansk.

O Ministério da Defesa da Rússia disse neste domingo que as tropas garantiram mais dois quarteirões nos distritos ocidentais de Bakhmut e que as unidades aerotransportadas estavam fornecendo reforços ao norte e ao sul.

Yevgeny Prigozhin, chefe da força militar privada Wagner que lidera o ataque à cidade, afirmou que suas tropas controlam 80% de Bakhmut. Kiev negou repetidamente as alegações de que suas forças estão prestes a se retirar.

A Reuters não conseguiu verificar as informações do campo de batalha.

Também neste domingo, o chefe instalado pela Rússia da região de Kherson, no sul da Ucrânia, negou um relatório de um centro de estudos dos EUA de que as forças ucranianas haviam assumido posições na margem leste do rio Dnipro.

"Não há ponto de apoio inimigo na margem esquerda (leste) do rio Dnipro... nossos militares controlam completamente esse território", disse Vladimir Saldo em seu canal no Telegram.

"Pode haver casos de grupos de sabotagem inimigos fazendo pousos para tirar uma selfie, antes de serem... destruídos ou empurrados para a água por nossos combatentes."

Citando blogueiros militares russos integrados às forças de Moscou, o Instituto para o Estudo da Guerra disse que a Ucrânia "estabeleceu posições" na margem oriental, embora não esteja claro "em que escala ou com quais intenções".

Um porta-voz do comando sul da Ucrânia não confirmou nem negou o relatório e pediu "silêncio informativo" para garantir a segurança operacional.

"Quero que todos entendam que é um trabalho muito difícil cruzar um obstáculo como o Dnipro, por exemplo - quando a linha de frente corre ao longo de um rio tão largo e poderoso", disse Natalia Humeniuk à televisão ucraniana.

"É preciso ter um pouco de paciência", acrescentou.

A Rússia retirou suas forças da margem ocidental do rio no ano passado como parte de uma série de retiradas que na época significaram uma mudança no ímpeto do conflito a favor de Kiev.

Com Ucrânia, gasto militar da Europa chega ao nível da Guerra Fria



Os gastos militares na Europa dispararam em 2022 após a invasão russa da Ucrânia e atingiram seu nível mais alto desde o fim da Guerra Fria, de acordo com um estudo publicado nesta segunda-feira (24) pelo Instituto Internacional de Estudos para a Paz de Estocolmo (Sipri, na sigla em inglês).

No ano marcado pela invasão da Ucrânia pela Rússia, **os países europeus gastaram, em média, descontando a inflação, 13% a mais em seus exércitos do que em 2021.**

Os gastos militares no continente chegaram a US\$ 480 bilhões (R\$ 2,42 trilhões) em 2022. A tendência dessas despesas, na última década, foi de alta e espera-se que continue a trajetória de forma acelerada nos próximos anos.

Além do conflito ucraniano, as "tensões cada vez mais graves no leste da Ásia entre Estados Unidos e China" foram também uma razão, afirmou o pesquisador Nan Tian, um dos autores do estudo.

Mesmo nível da Guerra Fria

Este é o maior crescimento de gastos militares em mais de 30 anos. Se o valor total for calculado descontando o efeito da inflação, os governos alcançaram o mesmo nível dos gastos de 1989, ano em que caiu o Muro de Berlim.

"Na Europa, [os gastos militares] estão no seu nível mais alto desde o fim da Guerra Fria", enfatizou Tian.

As despesas aumentaram mais significativamente, como esperado, nos dois países ligados diretamente no conflito. **No caso da Ucrânia, os gastos aumentaram sete vezes, para US\$ 44 bilhões (R\$ 222,18 bilhões), um terço de seu PIB.** Os pesquisadores do Sipri enfatizam, no entanto, que este valor não inclui os bilhões de dólares em armas recebidas por doações estrangeiras.

De acordo com estimativas, a Rússia ampliou seus gastos militares em 9,2% no ano passado.

Mas mesmo excluídos os dois países, as outras nações do continente europeu tiveram crescimento significativo no orçamento militar, indica o especialista.

Na Europa, quem mais gasta é o Reino Unido, que ocupa o sexto lugar mundial (3,1%), à frente da Alemanha (2,5%) e da França (2,4%).

EUA e China somam metade dos gastos mundiais

Os Estados Unidos são de longe o país com o maior investimento militar: em 2022, representou 39% dos gastos globais. Em segundo lugar aparece a China, com 13% dos gastos mundiais. Isso significa que os dois países representam mais da metade dos fundos destinados a atividades militares em todo o mundo. A Rússia soma 3,9% das despesas militares, a Índia, 3,6%, e a Arábia Saudita soma 3,3% dos gastos globais.

A tendência de aumentar os gastos de defesa também pode ser observada em outros países da região, como Japão, Indonésia, Malásia, Vietnã e Austrália.

Nesta segunda, um relatório do governo australiano apontou que o país deve dar nos próximos anos maior prioridade à produção de mísseis de precisão de longo alcance. O documento indica que os Estados Unidos não são mais o "único líder do Indo-Pacífico".

Entenda o conflito que eclodiu no Sudão



A violência voltou neste domingo (16) a tomar conta das ruas de Cartum, capital do Sudão, e se estendeu por outras regiões do país africano.

Os confrontos entre paramilitares e forças do governo já deixaram 180 mortos e cerca de 1.800 feridos, afirmou o Sindicato dos Médicos Sudaneses.

✱ **Contexto:** Os combates eclodiram no sábado em Cartum e em outras regiões do país após meses de tensões entre dois líderes militares rivais.

As Forças Armadas do Sudão, sob o comando do general Abdel Fatah al Burhan, e unidades paramilitares das Forças de Apoio Rápido (FAR), chefiadas pelo vice-presidente do Conselho Soberano, Mohamed Hamdan Dagalo, conhecido como Hemedti, trocaram acusações de provocar o conflito.

Quem é Abdel Fatah al Burhan?

O general Abdel Fatah al Burhan é de fato o líder do país africano. Ele se tornou um nome conhecido em 2019, depois que o exército derrubou o autocrata de longa data Omar al-Bashir, após meses de protestos em massa.

Antigo aliado de Bashir e comandante militar que liderou campanhas criminosas no conflito de Darfur (2003-2008), Burhan mudou de lado com a queda do autocrata em 2019. Ele presidiu o Conselho Militar de Transição, órgão criado para supervisionar a transição do Sudão para o regime democrático, e se tornou presidente interino do país.

No entanto, com o prazo para entregar o poder a governantes civis se aproximando, em outubro de 2021, Burhan deu um golpe, derrubando o primeiro-ministro civil Abdalla Hamdok e acabando com a transição democrática.

Desde então, Burhan reforçou seu controle sobre o país, apesar de constantes protestos e de um acordo de dezembro de 2022 para abrir caminho para um governo de transição civil.

Quem é Mohamed Hamdan Dagalo, conhecido como Hemedti?

Hemedti desfruta de forte posição desde que Bashir assumiu o poder. Vindo de uma família de pastores de camelos distante da capital, ele subiu na hierarquia para se tornar líder da notória milícia Yanyawid, que deu origem as FAR e são acusadas de cometer crimes contra a humanidade durante o conflito de Darfur.

O conflito em Darfur eclodiu quando rebeldes de minorias étnicas locais lançaram uma insurgência em 2003, alegando opressão do governo de Cartum, dominado por árabes. Estima-se que até 300 mil pessoas tenham sido mortas e 2,7 milhões expulsas de suas casas em Darfur ao longo dos anos, segundo a ONU.

A milícia Yanyawid lutou ao lado das forças de Bashir contra os rebeldes no conflito. Embora não tivesse treinamento militar formal, Hemedti conseguiu conquistar uma posição na máquina de segurança de Bashir. Em 2013, ele assumiu a liderança do grupo paramilitar recém-formado FAR, que surgiu da Yanyawid.

Com frequência, Bashir contava com o grupo paramilitar para reprimir os protestos e o descontentamento que levaram à sua queda. À medida que as FAR cresciam e se fortaleciam, crescia a preocupação de que o grupo estivesse se tornando mais poderoso do que as forças de segurança oficiais do Sudão.

Em 2017, o país aprovou uma lei que reconheceu as FAR como uma força de segurança independente.

Como Burhan, Hemedti passou para o lado vencedor após a queda de Bashir. Relatos sobre ele especulando o papel de presidente se espalharam depois dele ter se tornado o vice-líder do Conselho Militar de Transição.

Em junho de 2019, uma repressão mortal num acampamento de protestos em Cartum deixou mais de 100 mortos. A ação foi atribuída as FAR. Apesar disso, a posição de Hemedti só se fortaleceu.

Seus anos à frente das FAR também o levaram a acumular aliados na Rússia e no Golfo, onde o grupo paramilitar foi enviado para lutar ao lado da coalizão liderada pela Arábia Saudita no Iêmen.

Burhan contou com as FAR para reprimir os protestos após o golpe de 2021. O líder paramilitar, porém, desapareceu dos holofotes na época, deixando Burhan ser o rosto do golpe. Ele foi então nomeado chefe adjunto do Conselho Soberano do governo, sendo efetivamente o número dois de Burhan.

Como eclodiu o atual conflito?

Desde que as forças militares e representantes civis assinaram em dezembro um acordo de transição, estão em andamento negociações para integrar as FAR ao exército sudanês. Analistas acreditam que Hemedti, cujo grupo paramilitar é estimado em 100 mil homens, não seria a favor da reestruturação.

Em fevereiro, num discurso que chamou o golpe de "erro", Hemedti descreveu a ação como a "porta de entrada para o antigo regime".

O discurso televisionado ocorreu em meio às crescentes tensões sobre a reestruturação militar, que descarrilhou o retorno ao regime civil.

Uma semana antes do discurso, Burhan disse que não toleraria as FAR operando de forma independente, enfatizando a importância da fusão do grupo paramilitar com o exército. Em resposta, Hemedti disse que "representantes do antigo regime" queriam "provocar uma cisão" entre as FAR e as forças armadas.

A assinatura de um acordo para nomear um governo civil estava marcada para o início deste mês, no entanto, foi indefinidamente adiada no último minuto.

Adiamento da transição democrática

O acordo foi considerado vital para permitir eleições que tratariam a liderança civil de volta ao comando do país depois de anos de turbulência.

Na quinta-feira, o Exército sudanês havia alertado que o país atravessava uma "conjuntura perigosa" que pode levar a um conflito armado depois que unidades das FAR, o grupo paramilitar mais poderoso do Sudão, "se mobilizaram" na capital Cartum e em outras cidades. As FAR deslocaram tropas para perto de cidade de Merowe, a 330 quilômetros do norte de Cartum.

Depois que os confrontos eclodiram no sábado, Hemedti e Burhan trocaram acusações de tentativas de golpe.

Apesar da violência em curso, a diretora da think tank Confluence Advisory, com sede no Sudão, Kholood Khair, afirmou que o desejo de um regime democrático ainda é alto no país.

“Ainda há muito apoio à transição democrática. Temos que lembrar que essa luta pelo poder entre generais não é de forma alguma indicativo da política ampla que está ocorrendo no Sudão.”

— Kholood Khair à DW.

Governo de Mianmar ordena bombardeio contra oposição e mata mais de 50



O grupo militar do governo de Mianmar atacou nesta terça-feira (11) um evento que contava com a presença de opositores, segundo a mídia local e alguns membros de resistências, entre 50 e 100 pessoas morreram no ataque.

O país está em crise desde o golpe de 2021, com ataques dos exércitos contra combatentes da resistência que desafiam o domínio dos militares.

Um membro da Força de Defesa Popular local (PDF), uma milícia anti-junta, disse à Reuters que caças dispararam contra uma cerimônia que marcava a abertura de um escritório local.

"Até agora, o número exato de vítimas ainda é desconhecido. Ainda não podemos recuperar todos os corpos", disse o membro do PDF, que pediu para não ser identificado.

Pelo menos 1,2 milhão de pessoas foram deslocadas pelos combates pós-golpe, de acordo com as Nações Unidas.

Em exílio, o governo pró-democracia de Mianmar, o Governo de Unidade Nacional, condenou o ataque, chamando-o de "mais um exemplo do uso indiscriminado (dos militares) de força extrema contra civis".

No mês passado, pelo menos oito civis, incluindo crianças, foram mortos em um ataque aéreo em um vilarejo no noroeste de Mianmar, segundo rebeldes de minorias étnicas e a mídia.

Os militares negaram as acusações internacionais de que cometeram atrocidades contra civis e dizem que estão lutando contra "terroristas" determinados a desestabilizar o país.

Irã instala câmeras nas ruas para identificar e punir mulheres sem hijab



As autoridades iranianas introduziram um sistema de monitoramento de imagens nos espaços públicos do país, para identificar e punir as mulheres que não usarem o hijab - véu, que costuma cobrir os cabelos.

Segundo um comunicado, divulgado pela polícia iraniana, neste sábado (8/4), câmeras de monitoramento foram introduzidas para "evitar a resistência contra as leis do hijab". De acordo com as autoridades, o não cumprimento do código de vestimenta do país "mancha a imagem espiritual do Irã e espalha insegurança".

Com o novo sistema, as mulheres que não estiverem usando o hijab serão identificadas e "receberão mensagens de texto de advertência sobre as consequências".

A medida foi tomada em um momento em que o país vive a maior onda de protestos contra o governo, por conta da obrigatoriedade do véu e da repressão a mulheres que se recusam a usá-lo.

Intoxicação de meninas em escolas no Irã

Neste sábado (8/4), dezenas de meninas foram intoxicadas em diversas escolas no Irã. Há mais de quatro meses o país vem sofrendo com casos misteriosos de estudantes envenenadas.

Desde novembro, diversas escolas, em grande maioria para o sexo feminino, foram alvo de intoxicações repentinas provocadas por gases ou substâncias tóxicas, que dão mal-estar e desmaios, às vezes seguidos por internações.

Um balanço divulgado em 7 de março apontou "mais de 5.000 estudantes" envenenadas em mais de 230 escolas localizadas em 25 províncias (o país tem 31 províncias).

Extrema direita vence eleição na Finlândia e derruba premiê progressista



A primeira-ministra da Finlândia, Sanna Marin, concedeu a derrota nesta segunda-feira, 3, depois que seu Partido Social-Democrata (SDP), de centro-esquerda, ficou em terceiro lugar em uma eleição apertada, em que prevaleceram seus rivais conservadores e de extrema direita.

O direitista Partido Coalizão Nacional (NCP) obteve 20,8% dos votos. O Partido Finns, de traços populistas e nacionalistas, ganhou 20,1% dos votos. O SDP de Marin ficou na lanterna por alguns décimos, com 19,9%. O comparecimento às urnas foi de 71,9%.

Marin parabenizou os vencedores da eleição durante seu discurso de concessão. “A democracia falou, o povo finlandês votou e a celebração da democracia é sempre uma coisa maravilhosa”, afirmou.

O líder do NCP, Petteri Orpo, disse à emissora pública Yle que o resultado foi uma “grande vitória”. O líder do Finns, Riikka Purra, chamou sua parcela de votos de “um excelente resultado”.

Orpo, ex-ministro das Finanças, garantiu que o apoio da Finlândia à Ucrânia na guerra contra a Rússia continuará firme e forte durante seu mandato.

“Não podemos aceitar esta guerra terrível. Faremos tudo o que for necessário para ajudar o povo ucraniano, porque eles lutam por nós. Isso está claro”, declarou.

A Finlândia, que compartilha uma fronteira de 1.300 km com a Rússia, está prestes a se tornar um membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) nesta semana, assim que os membros finais da aliança, Turquia e Hungria, assinaram a proposta de adesão do país.

Marin, 37 anos, tornou-se a primeira-ministra mais jovem do mundo quando assumiu a liderança do SDP – e o cargo de premiê da Finlândia – em 2019. Ela liderou com sucesso o país durante a pandemia de Covid-19 e ao longo da adesão à Otan.

A determinação de Marin em desfrutar de uma vida social, em paralelo ao importante cargo, também ganhou as manchetes. Apoiadores aclamaram-na como uma estrela em ascensão da centro-esquerda e modelo para uma nova geração de jovens líderes femininas. Críticos, por outro lado, dizem que seu comportamento era inapropriado.

No ano passado, Marin viralizou nas redes sociais depois que surgiram fotos e vídeos dela bebendo e dançando com amigos. A premiê foi forçada a se desculpar e fez um teste de drogas para provar que não se envolveu em nada ilícito, mas também defendeu seu “direito de festejar”.

Sua popularidade pessoal continua alta, mas a previsão de recessão e aumento da inflação no país, junto com acusações da oposição sobre empréstimos excessivos do governo e gastos públicos exagerados, afastaram os eleitores. Seus rivais competiram com promessas de impor cortes duros, principalmente nos orçamentos de bem-estar.

Na Finlândia, o maior partido tradicionalmente tem prioridade para formar uma coalizão de governo e ocupar a maioria dos 200 assentos no parlamento, o que significa que o mandato de quatro anos de Marin chegou ao fim – mesmo que o SDP ainda possa fazer parte da nova coalizão.

O NCP conquistou 48 cadeiras, 10 a mais do que na configuração atual, enquanto o Finns obteve 46 – um aumento de sete deputados – e o SDP 43, uma melhoria de três.

Orpo prometeu cortar gastos com subsídios de desemprego e moradia, enquanto Purra disse que sua prioridade era reduzir a imigração de fora da União Europeia, prometendo também focar no clima, políticas de energia e criminalidade se fizer parte da nova coalizão.

O líder do NCP poderia tentar montar uma coalizão de direita com o Finns e mais alguns partidos menores, mas também pode decidir buscar uma aliança espectro cruzado com o SDP e seus aliados, um resultado os analistas consideram o mais provável, apesar das diferenças políticas.

O SDP e dois membros dos cinco de sua atual coalizão, os Verdes e a Aliança de Esquerda, já descartaram qualquer possibilidade de se aliar ao Finns, que Marin chamou de “abertamente racista”.

Chile reduz jornada semanal para 40h: quanto se trabalha no Brasil e no resto do mundo?



O Congresso chileno aprovou nesta terça-feira a redução da semana de trabalho semanal de 45 para 40 horas, tornando aquele país a nação latino-americana com a menor jornada de trabalho junto com o Equador. No Brasil, a jornada definida pela CLT é de 44 horas.

A proposta, que foi sancionada pela Câmara dos Deputados após aprovação unânime no Senado, reduz gradativamente a jornada de trabalho ao longo de cinco anos.

Um ano após a sua aplicação, a jornada de trabalho será reduzida para 44 horas semanais. Após três anos o limite será de 42 horas e após cinco anos chegará a 40 horas, que é a jornada de trabalho recomendada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A lei chilena prevê a possibilidade de trabalhar quatro dias e descansar três (ao contrário da legislação atual que exige um mínimo de cinco dias úteis) e contempla a possibilidade de fazer no máximo 5 horas extras por semana (hoje o permitido é até 12 horas extras).

Fabio Bertranou, diretor do escritório regional da OIT em Santiago, disse à BBC News Mundo, serviço em espanhol da BBC, que a lei contempla um regime especial para setores que exigem jornada extraordinária, como mineração ou transporte.

Nesses casos, os funcionários poderão trabalhar em jornadas de até 52 horas semanais, desde que posteriormente tenham um número maior de dias de folga para compensar.

"A lei contempla a possibilidade de que as 40 horas semanais sejam alcançadas fazendo-se uma média de quatro semanas. Então, se uma semana for trabalhada a mais, o importante é que a média dê 40", explicou.

Com esta lei, o Chile torna-se o segundo país da América Latina, depois do Equador, a aprovar a semana de trabalho recomendada pela OIT.

Neste mapa você pode ver o que a legislação trabalhista estabelece no restante da região.

Jornada laboral semanal legal



Após esta aprovação, o Chile está alinhado com a maioria dos outros 38 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde também está em vigor a jornada de trabalho de 40 horas semanais.

As únicas exceções são Austrália, Bélgica, Dinamarca, França e Holanda, onde se trabalha menos de 40 horas, e Alemanha, Colômbia, Costa Rica, Irlanda, Israel, México, Reino Unido, Suíça e Turquia, onde se trabalha mais.

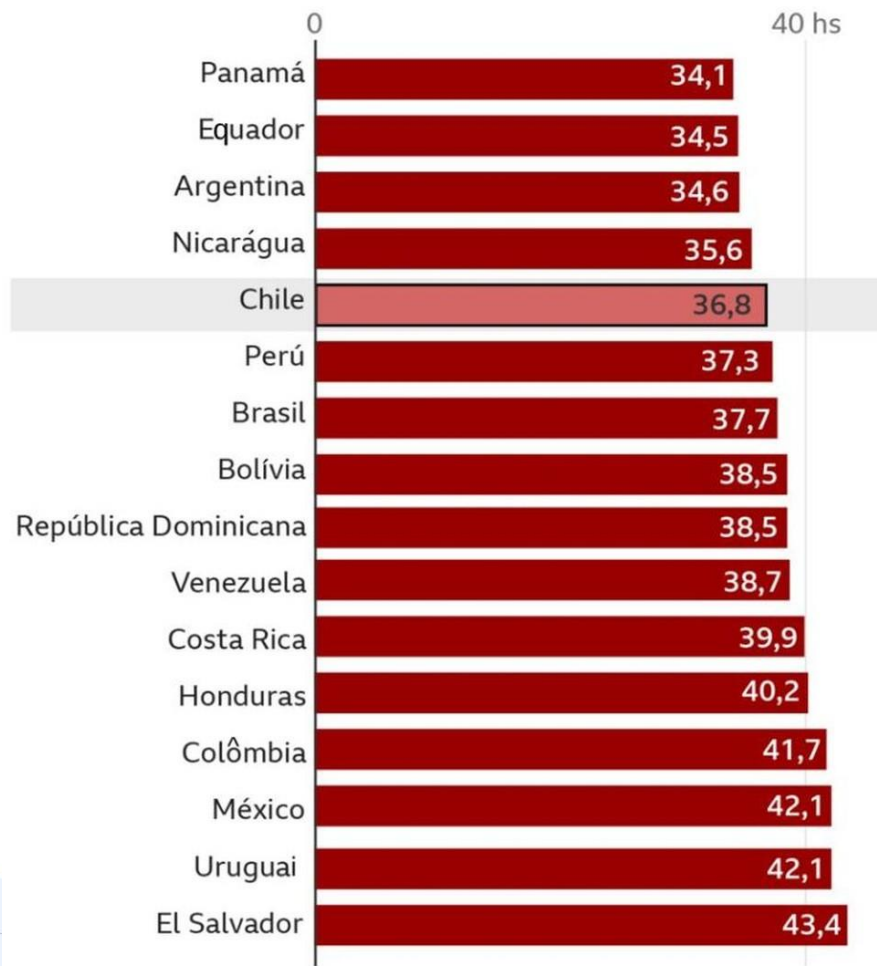
Quanto trabalho é feito hoje no Chile?

Mas o que a lei diz é uma coisa e o que a realidade diz é outra.

Embora a regulamentação vigente no Chile permita trabalhar até 45 horas semanais — jornada que foi reduzida de 48 horas em 2005 — as estatísticas da OIT mostram que a média de horas trabalhadas é muito menor.

Segundo dados de janeiro de 2023, no Chile as pessoas ocupadas trabalhavam em média 36,8 horas semanais.

Como você pode ver abaixo, esta é uma das menores médias da região.



* Não há dados disponíveis sobre Paraguai e Guatemala

Fonte: OIT, enero 2023

De fato — como você deve ter observado — a média de horas trabalhadas em toda a América Latina está bem abaixo do limite estabelecido por lei.

Se fizermos uma comparação global, a média de horas semanais trabalhadas na América Latina e Caribe (39,9 horas) é bem menor do que nos países árabes (44,6 horas), Ásia-Pacífico (47,4 horas), Leste Asiático (48,8 horas) e Sul da Ásia (49 horas).

Em vez disso, é maior que a da Europa Ocidental (37,2 horas), América do Norte (37,9) e África (38,8 horas), de acordo com dados de 2019 compilados pela OIT.

Isso significa que na América Latina, e no Chile em particular, pouco se trabalha?

"Não", responde a especialista em horas de trabalho Najati Ghosheh, que trabalha na sede da OIT em Genebra, na Suíça.

“O que acontece é que em alguns países só se mede o tempo trabalhado no setor formal e não no marginal , onde há mais trabalhadores que só conseguem empregos por hora, o que baixa a média”, explicou à BBC Mundo.

Segundo Bertranou, os dados fornecidos pelo Chile incluem o setor informal, que representa 27% dos trabalhadores.

Da força de trabalho total, cerca de 45% trabalham uma semana de 45 horas , mas mais de 40% trabalham menos de 35 horas.

Enquanto isso, 11% trabalham acima do máximo permitido por lei hoje, com jornadas que ultrapassam 49 horas semanais.

Bertranou destacou que a reforma trabalhista chilena foi alcançada graças ao fato de que "foi aberto um espaço de diálogo com o setor empresarial" e houve um consenso na sociedade chilena sobre a importância de "liberar tempo para ter mais vida familiar e estar capaz de usufruir do espaço público".

Segundo a OIT, que aprovou sua convenção sobre a jornada de 40 horas em 1935, trabalhar mais aumenta o número de acidentes de trabalho e problemas de saúde, mas não garante mais produtividade, pois há mais cansaço.

“A América Latina tem uma legislação atrasada em relação à jornada de trabalho e é imperativo que se faça uma revisão”, recomendou Bertranou.

Em meio a crise, presidente do Equador autoriza posse e porte de armas para civis



Durante uma transmissão em cadeia nacional de televisão, o presidente do Equador, Guillermo Lasso, anunciou a autorização da posse e porte de armas para defesa pessoal como uma das medidas para combater a onda de insegurança no país.

Em meio a uma crise política que levou à abertura de um processo para seu impeachment, o presidente equatoriano decidiu ir à televisão apresentar na noite de sábado (1º), três medidas urgentes para combater o que chamou de “inimigo comum”, a insegurança causada pelo crime organizado e grupos de narcotraficantes no país.

“Modificamos o decreto que permite a posse e o porte de armas”, disse ele, detalhando seu uso seria permitido para “defesa pessoal de acordo com as exigências da lei e dos regulamentos”.

Também foi autorizado o uso de spray de pimenta para defesa pessoal.

“Estou tão preocupado quanto vocês com a insegurança”, disse ele, observando que a criação de uma operação conjunta das Forças Armadas, da Polícia Nacional e da Inteligência para a segurança do país.

Estado de Emergência por narcotráfico

O Equador declarou estado de emergência, a partir deste domingo (2), em três regiões do país atormentadas pelo tráfico de drogas e pela criminalidade, como o porto sudoeste de Guayaquil.

A medida permite que os militares tomem as ruas, e já foi utilizada três vezes no ano passado.

"Declaramos estado de emergência na zona 8, que inclui (as cidades de) Guayaquil, Durán e Samborondón, e nas províncias (costeiras) de Santa Elena e Los Ríos", disse o presidente.

Por sessenta dias, essas cidades ficarão sob toque de recolher entre 1h e 5h da manhã. Além disso, ficará suspenso o direito de reunião nesses locais.

"Temos um inimigo comum: a delinquência, o tráfico de drogas e o crime organizado", afirmou Lasso, que está no poder desde maio de 2021.

Violência da cocaína

Lasso anunciou as novas medidas após vários incidentes violentos nos últimos dias, incluindo assassinatos, o abandono de uma cabeça humana em um parque e o assalto a um banco em um centro comercial movimentado em plena luz do dia na cidade costeira de Guayaquil.

Na mesma cidade, os criminosos esta semana sequestraram um homem e horas depois o deixaram com um dispositivo explosivo preso ao seu corpo em uma rua de Guayaquil, uma das mais atingidas pelo crime. Foram necessárias mais de três horas para desarmar o dispositivo, que foi colado ao colete e à perna esquerda do homem, uma cena nunca antes vista no Equador.

Entre a Colômbia e o Peru - os maiores produtores de cocaína do mundo - o Equador apreendeu um recorde de 210 toneladas de drogas em 2021, a maior parte de cocaína, destinada aos portos europeus.

As apreensões em 2022 excederam 200 toneladas de drogas em meio a confrontos entre quadrilhas de traficantes, que lutam pelas rotas do tráfico de drogas nas ruas e dentro das prisões.

Nesse período, as mortes violentas aumentaram. A taxa de homicídios quase dobrou entre 2021 e 2022, de 14 para 25 por 100.000 habitantes, conforme as autoridades.

Guayaquil, o centro comercial do país e onde a maioria das drogas é enviada, está entre as localidades mais atingidas pela criminalidade. Na zona 8, foram registradas 434 mortes violentas entre janeiro e meados de março, em comparação com um total de 1.151 assassinatos em todo o país.

Crise política

Os anúncios sobre segurança pública foram feitos em um momento de grande instabilidade política no governo de Lasso. Após aprovação da Justiça, teve início na última sexta-feira (31) o exame do processo de impeachment do presidente na Assembleia Nacional. Lasso e seu cunhado são suspeitos em um caso de corrupção que envolve a distribuição de cargos públicos.

Lasso, que assumiu a presidência em maio de 2021, nega as acusações. O presidente, representante da direita, tem 45 dias para evitar sua destituição em um Congresso em que a oposição tem maioria.

Para piorar, na sexta-feira foi encontrado o corpo do empresário Rubén Cherres, homem que estaria implicado no caso de corrupção estatal. O corpo de Cherres estava junto do de outras três pessoas, dois homens e uma mulher, em Punta Blanca, na província de Santa Elena. Todos tinham marcas de balas e estavam com as mãos amarradas.

Pela 1ª vez, Nasa terá um homem negro e uma mulher como astronautas em missão à Lua



A Nasa, a agência espacial norte-americana, revelou nesta segunda-feira (3) os nomes dos quatro astronautas da missão Artemis II que voarão ao redor da Lua em 2024.

Os escolhidos foram:

- ❑ **Jeremy R. Hansen** - função: especialista de missão; é um coronel da Força Aérea Real Canadense e o primeiro canadense escolhido para um voo para a Lua;
- ❑ **Victor Glover** - função: piloto; é um aviador da Marinha dos EUA e veterano de quatro caminhadas espaciais;
- ❑ **Christina Hammock Koch** - função: especialista de missão; ela é uma engenheira que já detém o recorde de voo espacial contínuo mais longo por uma mulher e fez parte das três primeiras caminhadas espaciais femininas da Nasa;
- ❑ **Reid Wiseman** - função: comandante, é ex-piloto de caça da Marinha dos EUA.

São três homens e um mulher. Entre eles, um homem negro. A astronauta Christina Hammock Koch será a primeira mulher que irá para uma missão ao redor da Lua organizada pela Nasa. Já Victor Glover será o primeiro homem negro.

Esta tripulação também será a primeira a viajar à Lua desde a última missão Apollo, em 1972, há mais de meio século.

Porém, desta vez, esses astronautas ainda NÃO vão pousar no satélite natural.

Todos os três astronautas da Nasa escolhidos para a missão Artemis 2 são veteranos de expedições anteriores a bordo da Estação Espacial Internacional.

O canadense Hansen é um novato em voos espaciais, de acordo com a agência Reuters.

"Essa missão irá levar mais que astronautas. Ela irá levar a esperança de milhões de pessoas ao redor do mundo", disse Bill Nelson, administrador-geral da Nasa.

Por enquanto, segundo fontes da agência espacial ouvidas pela AFP, a data de lançamento é esperada para novembro de 2024. As estimativas anteriores apontavam para o começo do ano, mas por causa dos diversos atrasos da primeira missão, essa é uma data mais realista.

Os quatro astronautas decolarão no foguete SLS da Nasa - o mais poderoso do mundo - e viajarão a bordo da cápsula Orion, acoplada no topo do foguete. A cápsula se desprenderá uma vez no espaço e os levará para a Lua, mas sem pousar.

“Pela primeira vez em mais de 50 anos, esses indivíduos – a tripulação da Artemis II – serão os primeiros seres humanos a voar para as proximidades da Lua. Na tripulação estão a primeira mulher, a primeira pessoa negra e o primeiro canadense em uma missão lunar, e todos os quatro astronautas representarão o melhor da humanidade enquanto exploram para o benefício de todos”, disse a diretora Vanessa Wyche, do NASA Johnson Space Center.

“Esta missão abre caminho para a expansão da exploração humana do espaço profundo e apresenta novas oportunidades para descobertas científicas, comerciais, industriais e parcerias acadêmicas e a Geração Artemis”, acrescentou.

Quando pousaremos de novo na Lua?

O feito de pousar novamente na Lua vai ficar reservado à Artemis III, que será a primeira missão tripulada da agência espacial a desembarcar em nosso satélite natural desde 1972. A Nasa pretende fazer história com o programa e pousar nessa fase a primeira mulher e a primeira pessoa não-branca na superfície lunar.

Para que tudo isso dê certo, porém, a Nasa avalia agora os mais diversos dados da Artemis I, realizada no ano passado, sem tripulação.

Depois de percorrer mais de 2 milhões de quilômetros e dar várias voltas na Lua, a cápsula Orion da missão Artemis I voltou à Terra junto com três manequins que estão sendo testados pela agência americana para coletar alguns dos principais dados desse primeiro passo do programa.

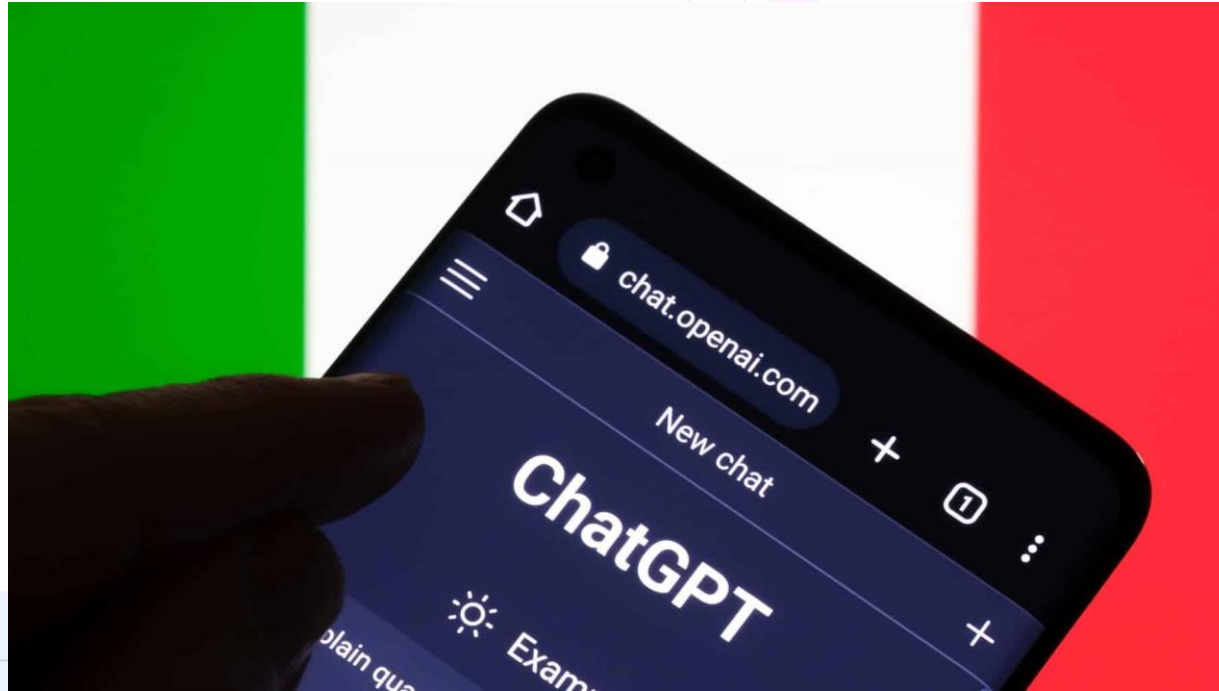
São essas informações que ajudarão a Nasa entender o que os futuros astronautas de carne e osso experimentarão durante uma possível missão tripulável.

Enquanto as missões Artemis visam principalmente explorar o nosso satélite natural, os objetivos de longo prazo da Nasa são ainda mais ambiciosos. No futuro, a agência espera que o programa ajude no desenvolvimento da ciência astronômica que permitirá a exploração humana de Marte.

A Nasa explica que as missões lunares oferecem uma oportunidade perfeita para a testagem de ferramentas, equipamentos e tecnologias que podem ser úteis numa viagem tripulada ao planeta vermelho.

Mas isso é algo que deve ocorrer somente no final da próxima década, na melhor das expectativas.

ChatGPT: Itália dá ultimato para OpenAI atender exigências



A OpenAI, dona do ChatGPT, tem até o fim de abril para atender as regras de privacidade e segurança da Itália. A notícia foi anunciada nesta quarta-feira (12) pela Garante Privacy, o órgão italiano de proteção de dados.

O chatbot está suspenso no país desde o dia 31 de março pela Autoridade de Proteção de Dados da Itália (GPDP, na sigla em italiano) e sofre investigação por suposta violação de privacidade.

O que motivou a suspensão do ChatGPT

- ☐ Segundo os reguladores, a ferramenta alimentada por inteligência artificial (IA) não tem uma justificativa legal para o recolher tantos dados pessoais dos usuários.
- ☐ A OpenAI também não verifica a idade de quem acessa o chatbot.
- ☐ O aplicativo deveria ser reservado para pessoas com 13 anos ou mais, dizem as autoridades.

Em comunicado, a agência apresentou normas que precisam ser cumpridas pela empresa ainda este mês para que o ChatGPT volte a funcionar. Na reunião mais recente para discutir o tema, a GPDP pontuou ainda que não tem intenção de frear o desenvolvimento da IA, mas reiterou a importância de respeitar as regras destinadas a proteger a privacidade dos cidadãos.

O que diz a OpenAI

Na semana passada, a empresa já havia se comprometido em ser mais transparente sobre a maneira como lida com os dados dos usuários e também aceitou a exigências de ser mais criteriosa na verificação de idade.

Vale destacar que a Itália foi um dos primeiros países a tomar medidas legais contra a OpenAI. No entanto, o rápido desenvolvimento das ferramentas de IA não está passando despercebido por reguladores de outros países.

A Alemanha, por exemplo, também avalia uma possível proibição no país. As autoridades pediram à Itália mais informações e detalhes do motivo do banimento temporário. Agências de privacidade da França e Irlanda também entraram em contato com reguladores italianos para discutir o caso.

Decreto de estado de emergência deve facilitar expulsão de migrantes irregulares da Itália



O governo italiano decretou estado de emergência nacional devido ao alto fluxo de migrantes vindos pelo mar Mediterrâneo. A medida, que valerá por seis meses, dará mais poder de decisão aos prefeitos e presidentes regionais das áreas mais expostas, como Sicília e Calábria. A medida recebe críticas de ativistas, que consideram não haver uma crise migratória no país. A Itália recebeu este ano cerca de 30 mil migrantes, número muito inferior aos 200 mil recepcionados durante a crise de 2015.

Em apenas três dias, mais de 3 mil pessoas desembarcaram na costa italiana. Este é o argumento do governo italiano para ter decretado emergência nacional.

A decisão do governo de extrema direita dará mais poder de decisão aos prefeitos e presidentes regionais das áreas mais expostas à pressão migratória, como Sicília e Calábria, e vai permitir ao governo de Giorgia Meloni tomar certas decisões sem passar pelo Parlamento.

Entre as facilidades permitidas pelo decreto estão, por exemplo, expulsões feitas com celeridade graças a um rápido processo de identificação e deportação. Entretanto, ainda não foi esclarecido como será a repatriação dos migrantes irregulares, ou seja, as pessoas que migraram por motivos econômicos e que, segundo a lei italiana, não têm o direito de permanecer no país porque chegaram de modo irregular.

Durante sua campanha eleitoral, Giorgia Meloni prometeu reduzir o número de migrantes na Itália. A primeira-ministra considera que migrantes irregulares ameaçam a segurança e a qualidade de vida dos cidadãos italianos.

País tem poucos refugiados

Nos últimos anos, o governo italiano tem concentrado seus esforços na assinatura de acordos bilaterais de readmissão de migrantes com vários países africanos, incluindo Tunísia, Egito, Marrocos, Nigéria, Gâmbia, Costa do Marfim e Senegal.

Na lista de acordos de cooperação para deportação, porém, também estão países acusados de graves violações de direitos humanos, como o Sudão e Líbia. O governo italiano pode, assim, enviar migrantes para nações em que sua segurança não está garantida.

Além disso, na Itália o procedimento para reconhecer a condição de refugiado é lento e limitado aos que fugiram de seu próprio país em guerra ou porque foram vítimas de perseguições.

Segundo a Fundação Migrantes (organismo pastoral da conferência episcopal italiana), em junho de 2022, já em plena crise humanitária ucraniana, viviam na Itália pouco menos de 296.000 refugiados, o equivalente a cinco pessoas por mil habitantes.

Na mesma data, havia 613 mil refugiados na França e 2.235.000 na Alemanha. Em 2021, a Itália registrou 45.200 requerentes de asilo, enquanto a Alemanha registrou 148.200, a França contabilizou 103.800 e até a Espanha recebeu mais -62.050.

Aumento de 300%

A Itália é um dos países onde mais chegam imigrantes pelo mar Mediterrâneo. Desde o início deste ano, 31.200 imigrantes desembarcaram no seu território, um aumento de 300% em relação a 2022. Com isso, os centros de acolhimento do país estão lotados.

A previsão é que nos próximos meses o número aumente devido às melhores condições meteorológicas para enfrentar o mar durante a primavera e o verão europeu.

Apesar dos números ostentados pelo governo, o decreto de emergência recebe críticas de ativistas. O estado de emergência, de acordo com a legislação italiana, só pode ser declarado para enfrentar uma calamidade com meios e poderes extraordinários: de crises humanitárias a desastres naturais.

Todos os objetivos para decretar o estado de emergência parecem exagerados, segundo o responsável de imigração da associação de promoção social Arci, Filippo Miraglia.

“O governo declarou estado de emergência devido ao número de chegadas em nossas costas e fronteiras terrestres. Mas nem os números nem as condições reais sugerem que haja uma emergência, já que é declarado pela chegada de 30.000 migrantes, quando em 2015 recebemos 200.000 e ninguém considerou declará-la”, observou.

Nos próximos dias deverá ser nomeado um comissário para cumprir os objetivos da medida, ou seja, superar a situação de emergência, reduzir os riscos gerados pela catástrofe e prestar assistência à população que sofreu as consequências da emergência em questão.

ONU diz que crise do Mediterrâneo é intolerável

Os migrantes de diversas nacionalidades, vindos da África, Ásia e Oriente Médio, partem principalmente da Líbia, Tunísia e alguns da Turquia. Eles atravessam o mar Mediterrâneo em pequenos barcos ou botes de borracha lotados. A travessia é muito perigosa não só pelas condições marítimas como também pelas embarcações obsoletas e lotadas. Além disso, em muitos casos os galões de combustível podem derramar dentro do barco e causar graves queimaduras nas pessoas.

O mar Mediterrâneo se transformou em um cemitério e muitas vezes devolve corpos sem vida próximos às praias sicilianas e calabresas. Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM) das Nações Unidas, nos últimos 10 anos 26 mil pessoas morreram tentando atravessar o mar na esperança de uma vida melhor.

O primeiro trimestre de 2023 foi o mais mortífero para os migrantes que atravessam o Mediterrâneo desde 2017, com 441 vidas perdidas tentando chegar à Europa, disse a ONU na quarta-feira. Mas a OIM acredita que esse número de 441 mortes entre janeiro e março de 2023 esteja abaixo da realidade.

“Com mais de 20.000 mortes registradas nesta rota desde 2014, temo que esses óbitos tenham se normalizado”, alertou, acrescentando que “atrasos e lacunas nas operações de busca e salvamento por parte dos Estados custam vidas humanas”.

Atrasos nas operações de busca e salvamento (SAR) foram um fator determinante em pelo menos seis incidentes até agora este ano, matando pelo menos 127 pessoas de 441 outras, disse a OIM.

“A crise humanitária contínua no Mediterrâneo central é intolerável”, disse o chefe da OIM, Antonio Vitorino.

O projeto Migrantes Desaparecidos da agência da ONU também está investigando vários casos de barcos desaparecidos, onde não há vestígios de sobreviventes, destroços e onde não foram realizadas operações de busca e resgate. Cerca de 300 pessoas a bordo desses barcos ainda estão desaparecidas.

“Salvar vidas no mar é uma obrigação legal dos Estados”, enfatizou Vitorino. “Precisamos de uma coordenação proativa dos Estados nos esforços de busca e salvamento. Guiados pelo espírito de compartilhamento de responsabilidade e solidariedade, convocamos os Estados a trabalharem juntos e se esforçar para reduzir as baixas humanas nas rotas migratórias”, acrescentou.

Nenhuma decisão concreta da União Europeia

Em fevereiro, os chefes de Estado e de governo dos 27 países membros da União Europeia discutiram durante o Conselho Europeu realizado em Bruxelas a gestão da questão migratória.

Em conferência de imprensa no final da reunião, a primeira-ministra Giorgia Meloni disse estar particularmente “satisfeita”, atribuindo méritos ao seu governo. No entanto, no texto do Conselho Europeu foram dedicadas poucas linhas à questão migratória. Segundo analistas políticos italianos, Giorgia Meloni se baseia mais em propaganda do que na realidade.

Os pontos mencionados nas conclusões do Conselho Europeu são os mesmos do passado:

- ❑ reforço das fronteiras externas;
- ❑ acelerar repatriações;
- ❑ abordar os movimentos secundários, ou seja, os movimentos do primeiro país de entrada dos migrantes na União Europeia para outros Estados, apostando no mecanismo voluntário de solidariedade (não em redistribuição real, mas em mecanismo voluntário); e, finalmente,
- ❑ cooperar com os países parceiros para melhorar a gestão da migração e a “cooperação antitráfico”.

Durante a campanha eleitoral, Giorgia Meloni disse que faria um bloqueio naval nas costas do norte da África. Seu partido de extrema-direita, os Irmãos da Itália, faz parte de uma coalizão que fez da redução da imigração uma parte fundamental de sua plataforma.

Seu governo também quer aumentar as repatriações, e criar obstáculos aos navios humanitários das ONGs que resgatam migrantes em dificuldade durante a travessia do Mediterrâneo. Vale ressaltar dos imigrantes que desembarcaram na costa da Itália em 2022, apenas 10% chegaram com navios humanitários.

Após 14 anos, Justiça francesa absolve Airbus e Air France por acidente do voo Rio-Paris



A Justiça francesa absolveu nesta segunda-feira (17) a fabricante europeia Airbus e a companhia Air France pelo acidente do voo AF447 Rio-Paris em 2009, que matou 228 pessoas, pelo qual as empresas foram julgadas por homicídios dolosos.

Quase 14 anos depois da tragédia, o tribunal de Paris absolveu as duas empresas por considerar que, embora tenham cometido "falhas", não foi possível demonstrar "nenhuma relação de causalidade" segura com o acidente.

Em 1º de junho de 2009, o voo AF447, que fazia a rota entre o Rio de Janeiro e Paris, caiu no meio da noite no Oceano Atlântico, algumas horas após a decolagem. Os 216 passageiros e 12 tripulantes a bordo morreram na tragédia.

A bordo do avião, um A330 com registro F-GZCP, estavam pessoas de 33 nacionalidades: 61 franceses, 58 brasileiros e 28 alemães, além de italianos (9), espanhóis (2) e um argentino, entre outros.

Este foi o acidente mais letal da história da aviação comercial francesa.

Após um processo longo, marcado por opiniões conflitantes dos magistrados e que aconteceu de 10 de outubro a 8 de dezembro, o Ministério Público havia solicitado a absolvição das duas empresas, por considerar que era "impossível demonstrar" sua culpabilidade.

A requisição não foi aceita pelas partes civis, pois consideraram que "aponta exclusivamente contra os pilotos e a favor de duas multinacionais", criticou Danièle Lamy, presidente da associação 'Entraide et Solidarité AF447' (Cooperação e Solidariedade AF447), que representa os parentes das vítimas.

Durante todo o julgamento, os representantes da Airbus e da Air France alegaram que as empresas não cometeram nenhum crime. Os advogados pediram a absolvição, uma "decisão humanamente difícil, mas técnica e juridicamente justificada", segundo a direção da Airbus.

Universidade de Coimbra suspende Boaventura Sousa, acusado de assédio



O Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, em Portugal, suspendeu o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, 82 anos, nesta sexta-feira (14/4), após ser acusado de assédio sexual por quatro ex-alunas.

O sociólogo nega as acusações e se diz alvo de “cancelamento”. Em um comunicado enviado aos alunos, a universidade informou que o pesquisador Bruno Sena Martins e Boaventura de Sousa estarão afastados da instituição “até o apuramento de conclusões”.

Bruno Sena Martins, de 45 anos, também é acusado de assédio sexual por ex-alunas da Universidade de Coimbra.

O CES instaurou uma comissão independente para investigar as denúncias de assédio contra os membros da Coimbra. Além disso, destacou que “os atuais membros dos órgãos de gestão declaram que não têm conhecimento de tentativas de averiguação ou ocultação de eventuais condutas inadequadas que tenham ocorrido no passado”.

As acusações foram divulgadas em um artigo do livro “Sexual Misconduct in Academia – Informing an Ethics of Care in the University” (Má conduta sexual na academia – para uma ética de cuidado na universidade, em tradução livre). As autoras são a belga Lieselotte Viaene, a portuguesa Catarina Laranjeiro e a norte-americana Myie Nadya Tom.

A brasileira e deputada estadual de Minas Gerais Bella Gonçalves (PSol) revelou, nessa sexta-feira, que também é vítima dos assédios sexuais cometidos por Boaventura de Sousa Santos.

Após selfies ofensivas, Auschwitz pede respeito à memória do Holocausto



O Memorial de Auschwitz pediu, nesta terça-feira, 18, que os visitantes mostrem respeito para com as mais de 1,1 milhão de vítimas do regime nazista durante o Holocausto. O pronunciamento aconteceu depois que uma fotografia no formato selfie, tirada no local, viralizou nas redes por ser considerada ofensiva.

Na imagem, uma mulher com óculos escuros está sentada nos trilhos que levam à entrada do antigo campo de concentração na Polônia. Ela sorri e faz uma pose descontraída enquanto um homem tira sua foto. O momento foi registrado por uma jornalista britânica e provocou indignação no Twitter.

“Hoje tive uma das experiências mais angustiantes da minha vida. Lamentavelmente, parece que nem todo mundo a achou tão comovente”, escreveu Maria Murphy, produtora da GB News do Reino Unido, em suas redes sociais.



Estratégia
Concursos



GRATIDÃO!



Estratégia
Concursos